



v.13 n.1 janeiro/março 2024

Revista Científica

**S**ISTEMÁTICA

 **awking**  
EDITORA

Revista Sistemática  
v.13 n.1 janeiro/março 2024

**EDITORIAL:** Betijane Soares de Barros  
**REVISÃO ORTOGRÁFICA:** Autores  
**DIAGRAMAÇÃO:** Luciele Vieira da Silva  
**DESIGNER DE CAPA:** Editora Hawking  
**IMAGENS DE CAPA:** girl-playing-with-cube-puzzel->no Freepik

*O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.*



A Revista Sistemática está sob os direitos da Creative Commons 4.0  
[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

### **NOTAS DO EDITOR**

Para baixar o PDF de cada artigo da Revista Sistemática a partir do seu smartphone ou tablet, escaneie o QR code publicado na capa da revista, o qual irá remeter para a página da editora, local onde se encontra a mostra da versão impressa.

---

Revista Sistemática /Editora Hawking  
- Vol 13, n.1 (2024) – Trimestral

Maceió – AL: Editora Hawking, 2019 –

ISSN 2675-5211

1. Revista Sistemática – Periódicos I. Brasil, Editora Hawking

---

**Editora Hawking**  
**2024**

Av. Comendador Francisco de Amorim Leão, 255 - Farol, Maceió - AL, CEP 57057-780 Disponível em: [www.editorahawking.com.br](http://www.editorahawking.com.br)  
E-mail: [editorahawking@gmail.com](mailto:editorahawking@gmail.com)

## DIREÇÃO EDITORIAL

### **Dr<sup>a</sup> Betijane Soares de Barros**

Instituto Multidisciplinar de Alagoas – IMAS

<http://lattes.cnpq.br/4622045378974366>

## CONSELHO EDITORIAL

### **Dr<sup>a</sup>. Adriana de Lima Mendonça**

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2001) Mestre em Química e Biotecnologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2004)

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2009)

Pós-doutorado em Biotecnologia através do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD/RENORBIO/CAPES, 2014)

<http://lattes.cnpq.br/0381713043828464>

### **Dr. Anderson de Alencar Menezes**

Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP,

Bacharel em Teologia pelo Centro Unisal - Campus Pio XI (São Paulo) (UNISAL, 2002)

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2005)

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (UPORTO, Portugal, 2009)

<http://lattes.cnpq.br/3996757440963288>

### **Dr<sup>a</sup>. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli**

Bacharel em Farmácia pelo Centro de Ensinos Superiores de Maceió (CESMAC,

Licenciada em Educação Física pela Universidade Claretiano (CLARETIANO,

2019) Tecnóloga em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL, 2015)

Especialista em Nutrição Materno-Infantil pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA, 2017)

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA, 2017)

Especialista em Farmácia Clínica Direcionada à Prescrição Farmacêutica pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA, 2017)

Especialista em Análises Clínicas pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA,

2016) Especialista em Plantas medicinais: manejo, uso e manipulação pela

Universidade Federal de Lavras (UFLA, 2001)

Especialista em Farmacologia: Atualizações e Novas Perspectivas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA, 2002)

Mestre em Modelagem Computacional de Conhecimento pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2011).

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2015).

<http://lattes.cnpq.br/5455567894430418>

**Dra Celia Nonata da Silva**

Graduada em História licenciatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 1995).

Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 1998).

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2004).

<http://lattes.cnpq.br/1245637151421828>

**Dr. Eduardo Cabral da Silva**

Graduado em Meteorologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2006)

Graduado em Matemática pelo Centro de Ensinos Superiores de Maceió (CESMAC,

2015) Mestre em Meteorologia pela Universidade Federal de Alagoas

(UFAL, 2010) Doutor em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Pernambuco

(UFPE, 2018)

<http://lattes.cnpq.br/2609068900467599>

**Dr. Fábio Luiz Fregadoli**

Bacharel em Zootecnia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 1996)

Mestre em Zootecnia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2000)

Doutor em Zootecnia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

(UNESP, 2004)

<http://lattes.cnpq.br/7986638670904115>

**Dr<sup>a</sup>. Jamyle Nunes de Souza Ferro**

Bacharel em Farmácia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2009)

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas

(UFAL, 2012)

Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas

(UFAL, 2016) Pós-doutorado pela Universidade Federal de Pernambuco

(UFPE, 2018)

<http://lattes.cnpq.br/2744379257791926>

**Dr<sup>a</sup>. Laís Agra da Costa**

Graduada em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Alagoas (UFAL,

2011) Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas

(UFAL, 2014)

Doutora em Ciências Biológicas (Biofísica) pela Universidade Federal do Rio de

Janeiro (UFRJ, 2018)

<http://lattes.cnpq.br/2066151967059720>

**Dr. Patrocínio Solon Freire**

Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco

(UNICAP, 2000) Bacharel em Teologia pela Universidade Pontifícia

Salesiana (UPS- Itália, 2004) Especialista em Comunicação Social pela Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo (PUC- SP, 2004) Especialista em Gestão

Educacional pela Faculdades Integradas Olga Mettig (FAMETTIG, 2006) Mestre em

Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2009) Doutor em

Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2014)

<http://lattes.cnpq.br/5634998915570816>

**Dr. Rafael Vital dos Santos**

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2006) Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2010) Especialista em Diagnóstico Molecular pela Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS, 2014) Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2010)

Doutor em Materiais pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2014)

<http://lattes.cnpq.br/3000684462222111>

## **AVALIADORES DESTE NÚMERO**

**Dr<sup>a</sup>. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli**

<http://lattes.cnpq.br/5455567894430418>

**Dr. Eduardo Cabral da Silva**

<http://lattes.cnpq.br/2609068900467599>

**Dr. Fábio Luiz Fregadolli**

<http://lattes.cnpq.br/7986638670904115>

**Dr<sup>a</sup>. Laís Agra da Costa**

<http://lattes.cnpq.br/2066151967059720>

**Dr<sup>a</sup>. Lucy Vieira da Silva Lima**

<http://lattes.cnpq.br/0010369315381653>

**Dr. Rafael Vital dos Santos**

<http://lattes.cnpq.br/3000684462222111>

## EDITORIAL

---

A revisão sistemática com ou sem metanálise é uma pesquisa secundária, pois reuni estudos que já foram analisados cientificamente, chamados de primários, para responder uma questão específica de pesquisa. Este tipo de revisão de literatura é planejada e obedece a critérios de inclusão e exclusão. É possível evitar e superar os possíveis vieses que o pesquisador possa ter durante a seleção e análise de um tema, com a aplicação de estratégias científicas por meio desta metodologia (PERISSÉ; GOMES; NOGUEIRA, 2001; GALVÃO; SAWADA; TREVISAN, 2004). Ao reunir resultados de várias pesquisas e descrever os níveis de evidência científica de cada documento avaliado, o leitor perceberá a credibilidade da revisão. A revisão sistemática é abrangente, imparcial e reproduzível. Este processo de revisão de literatura localiza, avalia e sintetiza o conjunto de evidências dos estudos científicos para se obter uma visão ampla e confiável da estimativa do efeito da intervenção (HIGGINS; GREEN, 2009).

A sistematização proporciona a análise crítica quantitativa e/ou qualitativa, esta última permite o desenvolvimento de categorias temáticas e subcategorias, que levam a discussão dos resultados analisados dos documentos científicos, de maneira sintetizada e integrada. A revisão sistemática integrativa é um tipo de revisão de literatura também planejada, mas que integra metodologias diferentes, ou cruzamento de descritores, ou conhecimento empírico com o científico. Pode também integrar opiniões, conceitos ou ideias provenientes das pesquisas analisadas (WHITEMORE; KNAFL, 2005). Na maioria das vezes sua natureza é qualitativa.

As características metodológicas dos trabalhos científicos são classificadas conforme o nível de evidência, segundo a proposta de Melnyk e Fineout-Overholt, em: I - Evidências provenientes da revisão sistemática ou metanálise de dados relevantes, ensaios clínicos randomizados controlados ou oriundas de diretrizes clínicas baseadas em revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados; II - Evidências derivadas de, pelo menos, um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; III - Evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização; IV - Evidências provenientes de estudos de coorte e de caso controle bem delineados; V - Evidências originárias da revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos; VI - Evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo e VII- Evidências oriundas da opinião de autoridades e/ou relatórios de comitês de especialistas.

Os resultados das revisões Sistemáticas proporcionam a Prática Baseada em Evidências (PBE). A PBE é um movimento que surgiu para integrar a teoria à prática, com

finalidade de reunir, aplicar e avaliar os melhores resultados de pesquisa para uma conduta clínica eficaz, segura e acessível.

A tomada de decisão, na PBE, incorpora a busca da melhor e mais recente evidência, competência clínica do profissional, valores e preferências do paciente ao cuidado prestado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008), quando aplicada na área da saúde. Observa-se que as revisões sistemáticas, com ou sem metanálise, provenientes de dados relevantes, ensaios clínicos randomizados controlados ou oriundas de diretrizes clínicas baseadas em revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados estão no topo da evidência. Contudo, todas as áreas do conhecimento podem ser contempladas com o método da revisão sistemática integrativa, pois aproxima o pesquisador da problemática que deseja investigar, traçando um panorama sobre sua produção científica, a fim de conhecer a evolução do tema ao longo do tempo, em diferentes contextos, como também conduzir caminhos para pesquisas futuras (BOTELHO; CUNHA; MACEDO; 2011).

Seguem, a seguir, as seis etapas da revisão sistemática integrativa (WANDERLEY FILHO; FERREIRA, 2019): 1ª) Escolher tema, pergunta norteadora, objetivo geral, estratégias de busca, bancos de terminologias, descritores livres e estruturados, string de busca e bibliotecas virtuais; 2ª) Definir período de coleta dos dados, critérios de inclusão, critérios de exclusão; 3ª) Selecionar o número de trabalhos para revisão sistemática integrativa a partir da leitura dos agentes indexadores das publicações (resumo, palavras-chave e título) e resultados, os quais devem conter os descritores utilizados no estudo; 4ª) Desenvolver categorias temáticas por meio da análise dos trabalhos científicos investigados; 5ª) Analisar, interpretar e discutir os resultados; 6ª) utilizar tecnologias digitais para otimizar o tempo e apresentar a revisão em formato de artigo, o qual contemple propostas para estudos futuros.

Ferramentas oriundas de tecnologias digitais contribuem para o aprimoramento e qualidade das revisões sistemáticas, tais como: bancos de terminologias (DECS, MESH), que possibilitam o uso de descritores codificados para a eficiência do levantamento das publicações científicas; como também as bibliotecas virtuais (Periódicos da CAPES, ScienceDirect, Wiley, PubMed, Mendline, Scopus, Scielo...), que facilitam a acessibilidade aos trabalhos científicos, que estão sendo publicados em todo o mundo.

## SUMÁRIO

---

### **EXPLORANDO O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: Estratégia de Ensino**

Marli da Silva

Carla Waleska Gomes de Araújo

Lucília Maria da Silva Soares Barbosa..... 01

### **PROMOVENDO ALFABETIZAÇÃO E LETRANDO: Superando Desafios na prática pedagógica**

Maria José Costa Toledo

Carla Waleska Gomes de Araújo

Bernard Pereira Almeida

Lucília Maria da Silva Soares Barbosa..... 13

### **A DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR – UM GRANDE DESAFIO**

Orleane Forte Ferreira

Vanderlúcia das Neves Carneiro

Flávio Augusto Rocha Franco

Rocilda de Castro Mota Jerônimo

Ana Cláudia Sales Rocha Franco

Maria Creuza da Silva Carvalho..... 22

### **INCLUSÃO ESCOLAR EQUITATIVA: UM DIREITO DE TODOS**

Cassiane Alves Santos Bispo

Marinaldo Bispo..... 33

### **O ENSINO DA MATEMÁTICA E SEUS REFLEXOS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO NO COTIDIANO**

Juliana Nobre Nobrega

José Fernandes dos Santos Filho

Luciane Queroz Moura..... 41



Esta obra está sob o direito de  
Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional.

**EXPLORANDO O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E  
ESCRITA:  
Estratégia de Ensino**

*Marli da Silva<sup>1</sup>  
Carla Waleska Gomes de Araújo<sup>2</sup>  
Lucília Maria da Silva Soares Barbosa<sup>3</sup>*

**RESUMO**

O presente artigo propõe uma análise e reflexão através de revisões bibliográficas sobre os processos de ensino da leitura e escrita, onde analisa-se o processos de ensino aprendizagem da leitura e escrita tendo em vista o desenvolvimento da leitura e escrita, para a construção do sentido e os benefícios que a fomentação dessas práticas trazem para o desenvolvimento cognitivo dos educandos. É preciso compreender o trabalho coletivo e histórico, resultado de experiência, tendo essa natureza social e cultural. No contexto escolar a leitura e a escrita tem uma importância fundamental, se faz necessário destacar o quanto leitura e escrita estão presentes em todos os conteúdos. É importante o uso de uma prática pedagógica eficiente, onde o professor deve proporcionar meios que leve o educando a raciocinar, criar situação que propiciem o desenvolvimento das capacidades de falar, escutar, ler e escrever de acordo com os diferentes usos dos contextos. Portanto o professor precisa ter uma concepção clara de linguagem coerente com um processo de alfabetização mais ampla. Dessa forma o trabalho do professor é permitir que o aluno organize e sistematize observações que parte do seu dia-a-dia, levando-o gradativamente ao longo de sua escolarização a formação do conhecimento.

**Palavras-chaves:** Professor. Prática. Linguagem. Desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> E-mail: professoramarlisilva@hotmail.com

<sup>2</sup> E-mail: Carlawaleska@hotmail.com

<sup>3</sup> E-mail: luciliamaria.email@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A prática de todo professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis do professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e do conteúdo a serem trabalhados na busca de coerência entre o que se pensa estar passando e o que realmente se faz, tais práticas se constituem a partir das concepções educativas profissionais do professor, aí incluindo as suas próprias experiências escolares e de vida.

A “pedagogia tradicional” é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria. A metodologia decorrente de tal concepção baseia-se independentemente do contexto escolar, enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos. A função primordial da escola, nesse modelo é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno, formação esta que o levará ao inserir-se futuramente na sociedade, a escola visa à preparação para a vida, não buscam estabelecer relações entre “os conteúdos que se ensinam e os interesses dos alunos” cabe

o professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais.

Segundo Cafiero:

" Ler é atribuir sentidos. E, ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida. Conceber a leitura desse modo muda radicalmente a forma de pensar e de organizar o seu ensino. Se os sentidos não estão prontos no texto, é preciso contribuir para que os alunos criem boas estratégias para estabelecer relações necessárias à compreensão (2010. p. 86)"

O professor para superar a alfabetização que se restringe ao domínio mecânico do gráfico precisa ter clara uma concepção de linguagem coerente com um processo de alfabetização mais ampla. Desta forma, para superar exercícios mecânicos, é preciso um trabalho com a linguagem em situação de uso efetivo, para isso, é preciso compreender a concepção sóciointeracionista, na qual a linguagem é um trabalho coletivo e histórico, resultado de uma experiência, tendo nessa natureza social e cultural, a linguagem tem suas situações históricas. Nessa perspectiva, a linguagem não serve

apenas para transmissão de informações, mas é capaz de revelar e organizar a consciência e o pensamento, representando o real e permitindo operações mentais complexas, dado o seu caráter simbólico.

Para assegurar o domínio da linguagem e de desenvolvimento, o papel do professor é da maior importância, pois é ele o adulto competente, letrado, responsável pela medição, interação e interlocução que deve proporcionar atividades para que ocorra elaboração individual. Para a conquista do domínio da linguagem, não é suficiente deixar o aluno apenas em contato com o material escrito para que ele se alfabetize por si só, mas é por isso que não basta a criança entender que a escrita é alfabética, e apenas reconhecer grafismo e copiá-las, é preciso que no processo de desenvolvimento, a aprendizagem e as elaborações mentais tenham como origem as relações sociais. Convém lembrar ainda que a linguagem escrita demande um plano mais elevado de abstração, pois passa pela elaboração das representações complexas da correspondência grafema-fonema (letra-som) e exige a criação de um interlocutor a ser imaginado enquanto (ou menos) a linguagem oral é precedida de um motivo, de uma pergunta, de uma provocação ou mesmo de um comentário

de um interlocutor. Portanto, o professor precisa criar motivos para a realização de escrita e a criança precisa encontrar para escrever as mesmas razões que encontra para falar. Esta prática não pode se restringir a exercícios repetitivos, nem as listagens e nomenclaturas.

Numa concepção sóciointeracionista deve envolver interação do ponto de partida ao ponto de chegada, desde as produções orais que o aluno faz ao chegar à escola, até a produção de texto escrito mais elaborado. Para um trabalho eficaz nesta perspectiva, o domínio da linguagem deve ser tecidos nas relações humanas numa verdadeira convivência social, em parceria, é sempre um trabalho de conscientização que o professor deve fazer no sentido de que a criança melhore sempre sua produção, tanto no espaço gráfico, quanto o de estruturas de texto, seqüência lógica das narrativas orais e escritas.

O trabalho com o texto é sempre norteador de todo trabalho com a alfabetização e a língua, deste os textos orais que a criança produz e que o professor transcreve para mostrar a direção da escrita e as correspondências da oralidade, até os textos autônomos, nos quais a criança deve fazer presente sua própria voz, seus pontos de vista, suas

opiniões, enfim a linguagem na sua dimensão discursiva.

Hoje se considera alfabetizado a pessoa que lê, escreve, interpreta e utiliza o que aprendeu em face a esta concepção de alfabetização, os métodos e técnicas até utilizadas, necessitariam de serias modificações. Não se pode desenvolver um simples método sintético analítico sem ligação nenhuma com o cotidiano de quem vai ser alfabetizado. É necessário que o professor investigue o conhecimento que os alunos já tem antes de ir para a escola, tem de ser o ponto de partida para o planejamento da prática escolar, com classe da alfabetização, as diferenças de contexto socioeconômico e familiar, fazendo com que os educandos tenham maiores oportunidades de participar de atividades sociais; a conversa diária de pessoas de diversos lugares; a transmissão de um recado; a placa de sinalização; o rotulo de um produto; a lista de um telefone; o letreiro de um ônibus e inúmeras são as leituras que os rodeiam diariamente, esses textos leva o educando a estabelecer comunicação com os outros e com o mundo tornando-os agentes e participativos.

O cidadão de hoje vive em uma sociedade letrada e tecnológica. Esta cria-a todo o momento desafios que exigem uma visão crítica e ampliada

sobre os recursos que estão a sua volta. É importante demarcar que o eixo principal em torno de leitura deve ser incorporado na prática pedagógica e o seu significado como experiência de cultura.

O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. Sendo mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o lingüístico, ou seja, o texto. Nesse contexto é importante que os alunos sejam provocados sempre (mesmo os mais inibidos) para que percebam a importância de opinar e argumentar em função de um ponto de vista, este é um espaço marcado pela interação, pela dialógica.

Assim, a importância das atividades compartilhadas discursivas, na medida em que se destaca o dialogo como forma de confrontar diferentes pontos de vista e medir o processo de manifestação, reflexão e reformulação de idéias. Esta é que o professor ler para enfatizar o sentido e a função do texto através da expressão oral e a partir do momento em que o aluno for se familiarizando com a leitura, poderá ler juntamente com o professor, com os colegas ou sozinho.

## 1. ENSINOS DA ESCRITA

A preocupação da escola deve ser a de garantir que os alunos busquem significado, mas que essa busca esteja sempre entrelaçada ao desejo de ler, a influencia da leitura como ferramenta pedagógica complementar e significativa para a construção do conhecimento, sendo a leitura e escrita caracterizada como um processo de construção feito de expectativas onde o leitor, baseado em sua experiência de mundo e em seu conjunto de informação, interage com as informações presentes para poder reconstruir o sentido que esta querendo lhe dizer.

A ação e a reflexão dos alunos na busca de um caminho que solucione os desafios da leitura que lhe serão apresentados permitirão que eles, aos poucos, experimentem diferentes maneiras de escrever. Este momento deve merecer uma atenção especial do professor, pois os “erros” cometidos serão pista que o ajudaram a intervir no processo e que mostrarão os caminhos percorridos pelo aluno na tentativa de ler e escrever. Conforme Rocha (2008, p. 78), a escola deve ser concebida:

[...] como o espaço em que os sujeitos podem, por meio da leitura, dialogar, questionar, discutir, duvidar e compartilhar saberes. Para isso, entendemos

a escola como espaço em que convivem diferenças, contradições, erro, cooperação mútua. Nesse espaço, professores e alunos devem possuir autonomia para pensar, para refletir o seu processo de construção do conhecimento, para terem acesso a novas informações, para que o processo ensino-aprendizagem seja concebido como um processo global de relação interpessoal que envolva ao mesmo tempo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação ensino-aprendizagem.

As condutas dos alunos considerados como erros têm presente margem na pratica escolar, tanto no passado como no presente, formas de castigo por parte do professor indo desde as mais visíveis ate as mais sutis. À medida que se avançou o tempo, os castigos escolares foram perdendo o seu caráter de agressão física, tornando-se mais tênues, mas não desprovido de violência.

Esse modo de conduzir a decência manifestar-se com um viés mais grave ainda, por que o professor normalmente não esta interessando em descobrir quem sabe o que foi ensinado, mas sim quem não aprendeu para poder expor publicamente aos colegas a sua fragilidade. Usualmente, prossegue com modalidade diversa de castigo, é a ameaça do castigo, o aluno sofre por

antecipação e não consegue desenvolver o raciocínio, bloqueando a vontade praticar a leitura e escrita, pois fica nas expectativas de castigo que poderá ver numa permanente atitude de defesa, isso conduz á percepção de que o entendimento e a pratica do castigo decorrem de uma visai culposa dos atos humanos. Nessa perspectiva, a observação e a compreensão do uso do erro na pratica escolar revelam que a questão é bem mais ampla do que somente o fato de proceder a m pequeno castigo de um aluno individualmente.

É preciso, antes de tudo, observar, para depois julgar. Entretanto a pratica tem sido inverso primeiro colocamos a barreira do julgamento, e só depois tentamos observar os fatos. Nesse caso, a observação fica “barrada” pelo julgamento, certamente não é fácil observar primeiro para depois julgar, mas é preciso aprender esta conduta, se queremos usar o erro como fonte de virtude, ou seja, de crescimento.

Dessa forma os trabalhos dos professores é permitir que o aluno organize e sistematize observações que parte de seu dia-a-dia, levando-o gradativamente ao longo de sua escolarização á formação do conhecimento. Para que tal processo seja efetivo e transformador, fazer-se necessário deixar que a criança fale sobre

suas idéias, conte suas experiências, estabeleça relações, faça comparações e vá aos poucos adquirindo umas atitudes investigativas. Dessa forma o professor deixa de ser o “dono do saber” e passa ser o mediador que a partir do desenvolvimento de seu aluno provoca avanços em seu conhecimento em direção a uma maior compreensão de mundo.

O livro didático é um dos recursos que dispõe para planejar suas aulas, mas deve ser acrescido de pesquisa, como visitas e locais simples como supermercado, padarias, fabricas e ainda estudo do meio através de pequenas excursões a jardins, lagos, sítios ou fazendas. Para que esses recursos sejam eficientes, é necessária uma preparação previa dos alunos. No entanto, cabe ao profissional dar condição, no sentido de garantir a sistematização dos conhecimentos no ensino para proporcionar ao aluno um dialogo permanente que lhe permita desenvolver o conhecimento obtido através do ser comum e adquirir uma atitude investigativa que resista a aceitação de crenças, mitos, preconceitos, permitindo-lhe vivenciar experiência e interpretar e transformar seu mundo. Para proceder dessa maneira, os alunos necessitam da ajuda do professor para ler, escrever, discutir,

pesquisar e organizar as informações que obtêm. O educador tem um papel fundamental para promover a aprendizagem através de situações nas quais os alunos tenham a oportunidade de efetivamente atuar como estudante. Além disso, o professor serve também como modelo para as crianças compartilhando discriminatório de experiências educativas e sociais variadas.

Sabe-se que durante muito tempo o ensino do nosso sistema de escrita foi feito de uma maneira mecânica, repetitiva, na qual os estudantes eram lavados a memorizar segmentos das palavras (letras ou sílabas) ou mesmo palavras inteiras, sem entender a lógica que relacionava as partes pronunciadas (pauta sonora) e a seqüência de letras correspondente. Hoje, entende-se que há um conjunto de conhecimentos e desafios que levem as crianças e os adultos e os adolescentes a compreender que a escrita possui relação com pauta sonora. Essa é uma descoberta que nem sempre é realizado espontaneamente, razão pela qual se torna imprescindível ajudarmos os estudantes a descobrir os princípios que regem aquela relação enigmática: a relação entre as partes faladas e as partes escritas das palavras. Neste sentido, Cagliari (2009) refere-se á leitura como

um ato lingüístico e argumenta sobre a importância do conhecimento do professor alfabetizador sobre a natureza da escrita e da fala

I – O que a escrita representa das palavras faladas isto é, que as letras representam os sons e não os significados ou outras características físicas das coisas as quais aquelas palavras orais se referem.

II – Como a escrita cria essas representações isto é, descobrir que a escrita funciona “traduzindo”, por meio de palavras, segmentos sonoros pequenos, os fonemas, que estão no interior das sílabas.

Para realizar essa tarefa o estudante precisa elaborar em suas mente um princípio de estabilização e igualação das unidades orais e escritas, isto é, as crianças e os adolescentes precisam observar, por exemplo, que ma letra (digamos “A”) é algo estável, que sempre aparece em determinadas palavras e não apenas “a letra do nome de ma coisa”, como também precisam compreender que aquelas letras parecem sempre quando as palavras em questão contem um com | a | naquele ponto, quando pronunciamos a palavra lentamente. Silva e Morais (2011) destacam que a necessidade de inserir os alunos em diversas praticas sociais não

anula a importância das crianças descobrirem o que a escrita alfabética representa (nota) e como a escrita cria representações (notações).

O fato das letras serem estáveis de aparecerem sempre na mesma posição no interior de uma palavra escrita ajuda a criança ou o adolescente a desenvolver as capacidades de analisar as palavras orais (aquelas a que a notação escrita se refere) em seus segmentos menores. Torna-se, portanto, fundamental para os estudantes conhecer as letras e refletir sobre suas relações com os sons. A partir dos estudos hoje disponíveis podemos promover atividades que ajudem as crianças e adolescentes se familiarizar com as letras, por um lado, e a perceber que a cada letra (ou conjunto de letras, no caso dos dígrafos) corresponde uma unidade sonora (com poucas exceções, como a que acontece em taxi, em que uma letra – X representa dois fonemas). Morais afirma que:

Para dominar a notação alfabética o estudante precisa entender as relações entre o todo escrito e o todo falado, ou seja, entre as palavras faladas e as palavras escritas, e entre as partes do escrito (silabas e letras) e as do falado (silabas e fonemas), que corresponde as menores unidades das palavras, no entanto para entender essas relações a criança e o

adolescente precisa vir a tratar as letras como classe de objetos substituídos, isto é, precisam entender que as letras substituem algo, os segmentos sonoros mínimos, que no funcionamento da escrita alfabética, ele ou ela precisa considerar relações termo a termo. (MORAIS, 2005, p. 15).

Ilustrando as relações de ordem, poderíamos dizer, de maneira simplificada, por exemplo, que aos poucos as crianças entendem que CA não pode o mesmo AC, “que a ordem muda as coisas, quando escrevemos”. Ela necessita perceber que a ordem em que registramos no papel, as letras correspondem a ordem que pronunciamos os segmentos sonoros.

Portanto, ao nos remeter as relações de permanência estão evidenciando que o estudante compreendia que “C” é um símbolo que substitui algo (os sons, |K| ou |S|), independente do “C” aparecer manuscrito ou com outro formato autorizado para ser “C”. Isso significa que ele entenderá que há uma constância no registro gráfico dos segmentos sonoros denominamos correspondência grafo tônico. A essa descoberta, é preciso acrescentar algo ao desenvolver suas habilidades de reflexão fonológica, o estudante descobre que o CA de casa é igual o CA de cavalo, porque as palavras

orais [kaza] e [kavalo], “começam parecido, bem diferentes no mundo real”. Assim fica termo a termo, ou seja, a palavra é segmentada em unidades silábicas e a cada sílaba pronunciada registramos uma seqüência de letras a ela correspondente e perceber que toda sílaba de nossa língua é uma vogal, é uma aprendizagem importante e parece favorecer a tarefa de tentar encontrar a outra unidade no interior desse segmento, então precisamos ajudar nossos estudantes a observar “o interior das palavras”, analisando a variedade e a quantidade de letras que compõe sua ordem, os casos de letras que se repetem.

Nessa perspectiva, outra atividade importante é tomar consciência desses princípios e perceber que uma mesma unidade gráfica (a letra), em diferentes contextos contem relações com um mesmo valor sonoro aproximadamente. Vever (1991), ao focar especificamente os “jogos com palavras”, observa que este tipo de atividades tem uma essência de materialidade lúdica. Como nos diz Brandão (2009, p. 15). Fundamentada em Debyser (1991) e retornado Vever (1991)

[...] (tal materialidade) torna os signos palpáveis: nos damos conta de que as palavras não são feitas apenas de fonemas e

grafemas, mas de sons e letras, e que estes sons e estas letras dialogam de uma palavra a outra, em correspondências tão polifônicas que os sentidos acabam, sempre misturando-se e em baralhando-se [...] brincar com as palavras trona-se, então, jogar com as substancia da expressão: sons, letras, sílabas, rimas [...] e com os acidentes de forma e de sentido que esta manipulação encerra. (VEVER, 1991, p. 27).

Mais razões de outra ordem também nos levam a considerar, seriamente, a necessidade de usar tais jogos, de forma intensa, no início da escolarização. É por tal motivo que sugerimos muitas, constantes e variadas atividade com palavras significativas para as crianças e com as quais eles se deparam freqüência. Essas palavras estáveis (ou fixas) ajudam o estudante a ir percebendo as regularidades em nosso sistema de escrita e a utilizar conhecimentos (adquirir - dos quando as leram e escreveram) ao se defrontarem com novas palavras que tenham semelhanças com aquelas que, em sua mente, estão mais estáveis e sobre as quais refletiram mais. Outras estratégias didáticas que podem auxiliar as crianças e os adolescentes a se apropriar do sistema alfabético e da escrita é a forma de brincadeira com a língua. Brandão (2009, p. 13)

O brinquedo educativo data dos tempos do renascimento, mas ganha força com a expansão da Educação Infantil [...]. Entendido como recurso que ensina, desenvolver e educar de forma prazerosa, o brinquedo educativo materializa-se no quebra-cabeça, destinado a ensinar formas ou cores, nos brinquedos de tabuleiro que exigem a compreensão do número e das operações matemáticas, nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de seqüência, de tamanho e de forma, nos múltiplos brinquedos e brincadeiras cuja concepção exigiu um olhar para o desenvolvimento infantil e materialização de função psicopedagógica: móveis destinados à percepção visual sonora ou motora; carrinhos munidos de pinos que se encaixam para desenvolver a coordenação motora, parlendas para a expressão da linguagem, brincadeiras envolvendo músicas, danças, expressão motora, gráficas e simbólica.

“Todos esses jogos envolvem a formação de palavras e com isso podem ajudar no processo de alfabetização”, sendo assim também podem ser poderosos aliados dos professores. Podemos citar, para fins de três tipos de jogos:

I – Os que contemplam atividades de análise fonológicas sem fazer correspondem com a escrita;

II – Os que possibilitam a reflexão sobre os princípios do sistema alfabético, ajudando os estudantes a pensar sobre as correspondências grafônicas (isto é, as relações letra-som).

III – Os que ajudam a sistematizar essas correspondências grafônicas.

Os jogos fonológicos são aqueles em que os estudantes são levados a refletir sobre as semelhanças e as diferenças sonoras entre as palavras. Nesse tipo de atividade, eles começam a perceber que nem sempre o foco de atenção deve ser dirigido aos significados. No caso da apropriação do sistema alfabético é fundamental entender que é preciso atentar para a pauta sonora para encontrar a lógica da escrita, os jogos que oferecem a reflexão sobre os princípios do sistema alfabético que são aqueles onde as crianças são convidadas a manipular unidades sonoras\gráficas (palavras, sílabas, palavras), comparar palavras ou parte delas, a usar pista para ler e escrever palavras. Esta fora, os auxiliam a sistematização as correspondência grafônicas são aqueles que ajudam a consolidar e automatizar as correspondências entre letras e sons, pois muitas vezes, temos estudantes que entendem a lógica da escrita, mais ainda

não dominam todas as correspondências, trocam letras. Omitem ou esquecem o valor sonoro relacionados a algumas delas. “Desde muito cedo as crianças podem ter acesso a produção artística, fruindo-as conversando criação de poesia de forma que ultrapassa a concepção reduzida de poesias, como aquilo que “rima” e tem sílabas contadas e poesias, como aquilo que “rima” e tem sílabas contado, e alcançassem a compreensão de que a poesia é, acima de tudo, jogo de palavras e emoção que desperta.

Uma maneira especial de ler e escrever o mundo. Ajudam-nos compreender que o acesso a arte possibilita as crianças de qualquer idade, e aos professores o contato e a intimidade com a arte no espaço escolar e dessa forma, abrir caminhos provocando novas formas de sentir, pensar, compreender, dizer e fazer. Significa promover o encontro dos sujeitos com diferentes formas e expressões e de compreensão da vida. Bakhtin nos diz que o sujeito, ao entrar em contato com uma obra de arte e contemplá-la, vivencia uma relação estética pela busca de compreensão de seu significado. A pessoa que aprecia uma obra seja ela criança ou adulto, entra em diálogo com ela, com seu autor e com texto em que ambos estão referenciados.

Relaciona-se com os signos que a compõe uma compreensão do seu sentido procurando reconstruir e aprender sua totalidade. Para isso o professor deve iniciar lendo poesias para as crianças, envolvendo diversos autores e da busca de compreensão de recursos poéticos, tais com intertextualidade a liberações as crianças produziram suas próprias poesias. Brandão (2009) afirma que os jogos estão presentes em diferentes grupamentos sociais e perpassam diferentes etapas da vida das pessoas. Nos processos de alfabetização, os jogos tornam-se aliados dos alfabetizadores, como alternativas para evitar estratégias mais repetitivas e enfadonhas, buscando cada vez mais estimular a criatividade e a ludicidade.

Portanto, a aprendizagem é um processo que envolve atividades lúdicas, criativas, dinâmicas, que sejam capazes de despertar o interesse e o gosto pela leitura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo buscou compreender através de leituras e diversas obras, remetendo as considerações ao principal compromisso da escola: Tornar o aluno competente tanto na compreensão da leitura como na produção de textos escritos. Nessa perspectiva para se conduzir mais eficazmente no ensino do desenvolvimento

dessas habilidades. Nessa perspectiva, entende-se que o processo de ensino-aprendizagem da leitura escrita deve ser repensado, traçando estratégia para o uso da leitura em sala.

As práticas de leitura e escrita no cotidiano escolar deve oferecer situações de proximidade nas práticas sociais, nas quais o ler, escrever, contar e desenhar tenha uma função real na vida das crianças.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves, et al (Orgs.). Jogos de Alfabetização. Brasília/Recife: Ministério da Educação/ UFPE-CEEL, 2009.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (coord.). Língua Portuguesa: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19).

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e lingüística. São Paulo, Scipione, 2009.

MORAIS, A G. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), Que implicação isto tem para a alfabetização? (2005, p.15).

ROCHA, T. B. **Práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental:** implicações para a formação do leitor crítico. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo. 2008.

SILVA, Alexsandro; MORAIS, Artur Gomes. Brincando e aprendendo: os jogos com palavras no processo de alfabetização. In: LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Alexsandro. Recurso didáticos e ensino de língua Portuguesa: Computadores, Livros... e muito mais. 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2011, p. 13 a 26.



Esta obra está sob o direito de  
Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional.

## PROMOVENDO ALFABETIZAÇÃO E LETRANDO: Superando Desafios na prática pedagógica

*Maria José Costa Toledo<sup>1</sup>*  
*Carla Waleska Gomes de Araújo<sup>2</sup>*  
*Bernard Pereira Almeida<sup>3</sup>*

### RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar as práticas utilizadas pelos docentes alfabetizadores para alcançar a alfabetização e letramento apresentado por professores alfabetizadores de uma escola da rede municipal de Cajueiro-Al, levantando a seguinte questão: Como alfabetizar letrando? A coleta de dados foi realizada através de entrevista feita a quatro professores da referida escola. A entrevista permitiu-nos compreender a forma pela qual os docentes compreendem a relação entre os processos de alfabetização e letramento. No entanto, alguns professores sentem dificuldades em assimilar e praticar a alfabetização e o letramento, pois as mesmas demonstram erro claramente ao se colocar sobre o alfabetizar letrando. Em função do perfil dos sujeitos da pesquisa, foi possível identificar e refletir sobre as práticas pedagógicas de exclusão de conteúdos voltados para o cotidiano do aluno, que faça conexão com a realidade do educando entre as diferentes áreas do conhecimento, para que a criança aprenda com significado, e busque sentido para o aprender, visando o letramento.

**Palavras - chave:** Alfabetização; Letramento; Prática Pedagógica.

---

<sup>1</sup> E-mail: mjctoledo@gmail.com

<sup>2</sup> E-mail: carlawaleska@hotmail.com

<sup>3</sup> E-mail: bernardadv@hotmail.com

## INTRODUÇÃO:

Neste artigo, expomos e analisamos as práticas pedagógicas sobre alfabetização e letramento apresentada por alguns professores alfabetizadores.

Tais análises resulta de um estudo mais amplo que objetivou investigar como os professores de uma escola da rede municipal de ensino de Cajueiro compreendem a forma de alfabetizar seus alunos do 1º ano do ensino fundamental. E como é a sua prática pedagógica em relação ao alfabetizar letrando. Esse estudo foi motivado pela necessidade de ter no município um ensino de qualidade voltado para o aprender com significado, enfatizando um novo fazer pedagógico, eficiente e inovador.

Nossa reflexão é sobre a seguinte questão: como alfabetizar letrando? Diante de vários métodos de alfabetização, destacamos aquele pelo qual o aluno aprenda com sentido, ou seja, uma pessoa que domina habilidades básicas para fazer uso das práticas de leitura e escrita como destaca Val (2006, p.19).

Pode-se definir alfabetização como processo específico e indispensável da apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios

alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito a compreensão e ao domínio do chamado código escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para apresentá-la, a pauta na escrita.

Analisando o conceito apresentado por este autor é possível constatar que alfabetização é um processo que o estudante deve adquirir de forma prazerosa e que acontece antes, durante e depois do período escolar, ou seja, alfabetização acontece dentro e fora do ambiente escolar. A alfabetização é então a ação de fazer com que as pessoas se apropriem de habilidades que levam a leitura e a escrita.

Todos nós sabemos da importância da leitura na vida de um cidadão que convive numa sociedade gráfica. Pois para viver e trabalhar na sociedade urbanizada e informatizada do século XXI, será necessário um domínio cada vez maior da leitura e da escrita. Este domínio exige um ensino centrado nas relações entre sujeitos sociais e que respeitem suas competências, capacidades e habilidades a serem desenvolvidas.

O sucesso na alfabetização exige a transformação da escola em “ambiente

alfabetizador”, rico em estímulos que provoquem atos de leitura e escrita.

Para Ferreiro (1999)

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO,1999, p.23)

Assim sendo a alfabetização é concebida hoje como aquisição de um novo conhecimento, ou seja, construção de um conceito, o que implica descobrir como é possível, com um número limitado de letras (o alfabeto), representa um número infinito de palavras.

O professor por sua vez, deve distribuir o tempo na sala de aula para que venha desenvolver atividades que levam de fato a criança a refletir sobre a linguagem, onde elas se envolvam nesse processo com clareza de que aquele conteúdo vai de alguma forma ajudar a cumprir seu papel em uma sociedade real.

É importante que o professor possa ampliar seus conhecimentos e

compartilhar com os alunos, de modo que estes exponham suas opiniões, dificuldades de aprendizagem, interpretem e produzam textos reais e significativos, dando oportunidade para que seus alunos sejam de fato sujeitos ativos, autônomos e participantes no mundo e no contexto social no qual estão inseridos.

O professor tem de refletir sobre sua ação pedagógica e analisar como se processa o trabalho de alfabetização que é realizado na perspectiva do letramento. Conforme observam CASTANHEIRA, MACIEL e MARTINS (2009, p.16):

Acreditar que é possível alfabetizar letrando é um aspecto a ser refletido, pois não basta compreender a alfabetização apenas como a aquisição de uma tecnologia. O ato de ensinar a ler e escrever, mais do que possibilita o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para inserção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas.

Os autores trazem uma discussão bastante significativa de acordo ao desenvolvimento do estudante no ambiente escolar. Isso implica que o ensino deve ser de forma diferente, para que o ler e escrever seja prazeroso. Com isso podemos refletir sobre ações pedagógicas no espaço de alfabetização,

e perceber em que medidas se articulam e se entrelaçam as dimensões sociais, culturais e individuais, pois o conhecimento evolui e se transforma de acordo com o movimento histórico da sociedade.

Tendo em vista a entrevista, realizada com oito professores, os quais manteremos suas identidades preservadas e usaremos símbolos para identificá-los.

A primeira pergunta da entrevista foi a seguinte: O que é alfabetização? A alfabetizadora X respondeu que, alfabetização era ensinar a ler e escrever com significado. Aquilo que é ensinado a criança que seja a partir da sua vivência, pois as mesmas já trazem alguns conhecimentos, os quais foram adquiridos no seu cotidiano. A professora ressaltou que os docentes deveriam dar mais ênfase na diversidade textual, para que o aluno buscasse o aprender com sentido, dentro de uma perspectiva do letramento.

Já o professor B, nos surpreendeu, quando nos revelou que trabalhar com a diversidade textual atrapalha o aprendizado do aluno, pois para ele as crianças precisam se envolver na leitura de forma a conhecer primeiro as letras, ou seja, da menor para o maior. Por exemplo: letra, palavra, frases e

texto. E que é dessa forma que o estudante aprende muito mais.

A segunda pergunta foi a seguinte: Quais os tipos de texto que são trabalhados em sala de aula?

A professora C disse que são trabalhados todos os tipos de textos, dos mais simples, como os usados no livro didático, até textos mais complexos, que levam ao aluno uma interpretação mais ampla da realidade.

Professora D diz que apesar de pouca variedade, procura levar textos diferentes para que sejam trabalhados, além de textos que o livro didático oferece alunos.

De acordo com Oliveira (2008), as invenções realizadas pelo professor devem vir acompanhadas de diversos gêneros textuais, enfatizando a importância da leitura e escrita em seu cotidiano. Percebemos que essa é a preocupação de ambos, que visam a construção da interpretação do texto por seu aluno, onde buscam materiais, mesmo fora do espaço escolar.

A terceira pergunta foi: O que é letramento?

A professora A respondeu que letramento é o conhecimento de mundo adquirido pela criança antes de obter o conhecimento escolar.

Essa abordagem de letramento acadêmico/escolar, a luz dos novos estudos do letramento, entende os múltiplos letramento da instância escolar como práticas sociais, de acordo com as áreas do conhecimento e os gêneros discursivos em que se inscrevem (OLIVEIRA, 2009). Esse enfoque prevê a relação do aluno com a leitura e a escrita pelas crenças, valores e a ideologia da cultura dos grupos sociais, fazendo com que relacione os sentidos sociais das disciplinas e dos conteúdos, de acordo com as práticas sociocomunicativas que esteja exposto.

Quando a professora “A” apresenta a sua concepção em relação ao que seria letramento, considera-se que não é possível separar o sujeito do contexto e dos recursos envolvidos na sua aprendizagem. Para Hamilton (2000), é preciso observar as relações sociais do letramento em escolas, salas de aula e outros ambientes de aprendizagem e as dimensões de poder dessas relações.

## **1. O PAPEL DO DOENTE COMO AGENTE DO LETRAMENTO**

O professor precisa ter conhecimentos necessários para agir como um verdadeiro agente social – um agente de letramento, gestor de saberes,

descobrimo qual o valor da leitura e da escrita na vida do aluno. Concebendo bem os recursos do grupo, poderá mobilizar os alunos para aquilo que é relevante de ser aprendido para inserir-se na sociedade letrada, ampliando os horizontes da ação do grupo. Ao envolver os estudantes em práticas de letramento, estará propondo uma atividade colaborativa em que todas têm algo com que contribuir e todos têm algo a aprender.

O professor como agente de letramento deve desenvolver na sala de aula, práticas inovadoras que ajudem ao aluno a entender o mundo no qual ele está inserido. Trazer a vida real pra sala de aula, aproveitando os conhecimentos que as crianças levam pra escola e ensinar não só a ler e escrever, mas ensinar o aluno a usar o que sabe para aprender o que ainda não sabe.

São muitas as práticas de alfabetização e letramento que os professores podem inserir em seu trabalho. Elas podem ser realizadas, durante vários momentos na sala de aula, dependerá muito da criatividade do professor. Dentro dessas práticas destacamos a prática de leitura de diferentes gêneros textuais, de escrita onde as crianças terão que pensar na sequência da escrita. A criança precisa

ser permitida ao escrever para demonstrar aquilo que já sabe, pois precisa se uma prática constante, mesmo quando a criança ainda não o faça de forma convencional.

Alfabetizar e letrar vão além da simples decodificação dos códigos alfabéticos, assim é necessário haver uma revisão das antigas formas de alfabetizar. SOARES (2005), afirma que ainda estamos em busca de um método de alfabetização, sobretudo para não desenvolvermos uma prática alfabetizadora espontaneísta, apoiada na compreensão ingênua de que possibilita o contato da criança com material escrito seja suficiente para alfabetizá-la.

As formas de alfabetizar devem esta inseridas dentro de um contexto, para que o estudante adquira a alfabetização com significado, pois vivemos em uma sociedade que exige de nós a compreensão do mundo. Então não tem sentido o aluno apenas decodificar letras, ou fazer da escrita simplesmente cópia. Portanto, o mundo precisa de pessoas letradas, pois a tecnologia está avançando e a sociedade fechando as portas para os não alfabetizados e letrados. E a escola por sua vez, tem que cumprir com o seu papel, oferecendo condições para o letramento ao tempo que situam os gêneros textuais

demarcando suas funções comunicativas.

Entendemos que a escola tem uma função social de formar alunos leitores e produtores de textos reais aqueles que circulam na sociedade na qual estamos inseridos.

## **2. ALFABETIZAR LETRANDO**

As concepções que se tem sobre o entendimento da alfabetização e do letramento, nos mostra a necessidade de inserir nas salas de aula dos anos iniciais do ensino fundamental práticas pedagógicas voltadas para os dois termos, que seria alfabetização e o letramento, de forma que o trabalho seja de fato efetivo na escola e contemple uma um ensino prazeroso, e que o mesmo tenha sentido na vida da criança. Ao alfabetizar e letrar, o docente leva pra sala de aula o conhecimento de mundo,e que o ensino e a aprendizagem estejam permeados pelas práticas sociais de utilização da escrita, oferecendo sentido e significado a partir de diferentes sentidos. Acreditamos que alfabetizar letrando não é um método de alfabetização, porém uma maneira mais prática e necessária, para que possa dar significado a alfabetização, sobretudo um novo fazer pedagógica que contemple a leitura e a escrita de textos

reais. Com base no compromisso que temos em inserir na sociedade, sujeitos capazes de agir de forma coerente sobre o meio no qual estar inserido, que seja determinado e consciente nas ações desenvolvidas no contexto, social. Assim é importante que a alfabetização seja desenvolvida juntamente com o letramento, na qual a escrita e a leitura sejam contempladas de forma real, pois os estudantes precisam usar no seu dia a dia na igreja, no clube dentre outros espaços sociais. Portanto, a escola deve partir dos conhecimentos que o aluno tem a cerca da escrita e organizá-la tendo em vista os usos especializados da língua que irá desempenhar em contextos diferenciados e com funções específicas (BARTONI-RICARDO, 2004).

### **3 – ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO ATRAVÉS DA SOCIALIZAÇÃO**

Sabemos que a socialização é uma das coisas benéfica que acontece dentro de uma sala de aula de crianças do 1º ano do ensino fundamental I. Para Durkheim, “a educação satisfaz, antes de tudo, as necessidades sociais” e “toda educação consiste num reforço contínuo para impor a criança maneiras de ver, de sentir e de agir, às quais a criança não teria espontaneamente chegado.

(PEREIRA, 1995, p.42 apud ARANHA, 2001, p. 167).

Ao longo da história da alfabetização, muito se tem discutido acerca da aprendizagem da escrita, da leitura e sobre o letramento. Ao examinarmos o cotidiano de uma turma de 1º ano do ensino fundamental, observamos que seus participantes, professora e crianças, estabeleciam uma estreita relação entre o fazer pedagógico. Consideramos fundamental portanto, articular essa relação. O letramento, como extensivamente discutido por vários autores é mais que habilidade de ler e escrever e deve ser compreendido como prática social que envolve os sujeitos nos diversos usos dos símbolos gráficos, desenhos e palavras escritas.

A alfabetização é uma forma de contribuição contemplada pelo sujeito do processo, e para evolução intelectual do aluno, em um processo contínuo que ocorre de maneira positiva. Não basta apenas o estudante aprender a ler e escrever os códigos da língua. O mesmo precisa interpretar, compreender e assimilar o conteúdo para que efetivamente ocorra o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita decorrendo sobre a alfabetização e o letramento. E para que isso aconteça é preciso que haja socialização entre

professor X aluno e aluno X aluno. Pois através da socialização a criança do 1º ano aprende com mais fluência e amplia seu repertório.

A socialização é muito importante no processo de ensino e aprendizagem, destacando a alfabetização, pois a criança é um ser sociável e que aprende muito mais através do seu envolvimento com outro, pois é um sujeito ativo de sua própria aprendizagem. As atividades deverão ser realizadas sempre em duplas, trios, grupos e também individuais para que verdadeiramente haja interação entre as crianças e de fato aconteça a troca de conhecimento e conseqüentemente uma aprendizagem significativa, na qual a criança passa entender que está inserida no mundo.

## CONCLUSÃO

De acordo com discurso demonstrado pelos professores alfabetizadores entrevistados, tivemos a oportunidade de perceber que os mesmos já têm um conhecimento adquirido sobre o que seria de fato alfabetizar e letrar nas turmas de 1º ano do ensino fundamental. Também pudemos observar que mesmo com as dificuldades encontradas no cotidiano escolar, ainda podemos buscar meios e formas de melhorar a prática

pedagógica para que os estudantes avancem de forma positiva no exercício de aprender. obtivemos um olhar crítico sobre a maneira pela qual os docentes executam suas atividades no tocante a sala de aula, e percebemos que mesmo com alguns conhecimentos adquiridos, é preciso buscar mais experiências, para que possa ampliar suas ações, no que diz respeito a alfabetizar e letrar uma criança.

Foi constatado também que um dos professores ainda possui dificuldade em alfabetizar letrando e de aplicar práticas de inovvaora. As práticas realizadas pelo professor alfabetizador não são apropriadas para que os estudantes adquiram a alfabetização e o letramento esperado. Vale ressaltar que existe por parte desse professor, uma grande distância entre a teoria e a prática em sua atuação na sala de aula.

Parte dos professores entrevistados, precisam mudar sua prática, pois sem uma prática eficaz de alfabetização e letramento não tem um aprendizado significativo.

Portanto, esse docente precisa de fato, diversificar sua prática pedagógica e que seja consistente tendo em vista alfabetização e o letramento, pois na arte do saber, o ensino deve ser voltado para o conhecimento de mundo.

Considerando que muitos alunos conclui a etapa de alfabetização, apenas sabendo ler e escrever. Porém não sabem utilizar tais conceitos nas práticas do dia a dia. É de extrema importância que desde cedo a criança além de entrar em contato e aprimorar seus conhecimentos à cerca da alfabetização, também aconteça com o mundo do letramento, uma vez que as crianças possuem conhecimentos prévios oferecidos pela sua vida social, não podendo que a escola feche os olhos pra isso.

Se cuidarmos da educação, garantido um ensino de qualidade, estaremos deixando nossas crianças preparadas para todas as fases seguintes, pois é uma base da qual, ela levará para a vida toda.

## REFERÊNCIAS

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser Alfabetizado e Letrado? 2004. IN: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.) Práticas de leitura e escrita. 1. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

FERREIRO, Emília. Reflexão sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 1997.

FERREIRO, Emilia. Com Todas as Letras. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2

CASTANHEIRA, M.L; MACIEL, F.I. P.; MARTINS, R. M. F. (org.) Alfabetização e letramento na sala de

aula. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009.

OLIVEIRA, Renata A. Jatobá de Concepções e práticas escolares de leitura. Associação de leitura do Brasil, 1998.

OLIVEIRA, E. F. Letramento Acadêmico: Principais abordagens sobre a escrita dos alunos no ensino superior. Anais do II Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e sociais: Nossas letras na história da Educação. Universidade de Ouro Preto. Ouro Preto: Ed. da UFOP, 2009.

HAMILTON, M. Sustainable literacies and the ecology of lifelong learning, Londo, 2000.

SOARES, M. Alfabetização e letramento. São Paulo: contexto, 2005.

BARTONI- RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.



Esta obra está sob o direito de  
Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional.

## A DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR – UM GRANDE DESAFIO

*Orleane Forte Ferreira<sup>1</sup>*

*Vanderlúcia das Neves Carneiro<sup>2</sup>*

*Flávio Augusto Rocha Franco<sup>3</sup>*

*Rocilda de Castro Mota Jerônimo<sup>4</sup>*

*Ana Cláudia Sales Rocha Franco<sup>5</sup>*

*Maria Creuza da Silva Carvalho<sup>6</sup>*

### RESUMO

O ensino superior tem a necessidade de docentes qualificados, visto que, o corpo discente é formado por adultos, os quais são exigentes no tocante ao ensino. Os estudantes universitários, por já possuírem uma personalidade formada e por saberem o que querem, antes não exigiam de seus professores mais do que competência para transmitir os conhecimentos e sanar suas dúvidas. Hoje esta situação se apresenta diferenciada, pois existe a necessidade e preocupação educacional com a preparação dos professores para o ensino superior, contudo, frente às demandas da sociedade do século XXI, algumas recomendações didáticas foram propostas, visando alavancar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos do ensino superior.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Didática. | Ensino. Aprendizagem.

<sup>1</sup> E-mail: fortferreiraorleane@gmail.com

<sup>2</sup> E-mail: vanmateus2020@gmail.com

<sup>3</sup> E-mail: flávioaugustorf@gmail.com

<sup>4</sup> E-mail: rocildacastro@hotmail.com

<sup>5</sup> E-mail: claudinhacaucaia@hotmail.com

<sup>6</sup> E-mail: silvamcreuza@gmail.com

## **INTRODUÇÃO**

Por muito tempo, não se verifica preocupação no âmbito educacional, quanto à preparação dos professores do ensino superior, pois os seus alunos eram adultos e não necessitaria do auxílio de pedagogos.

Atualmente, essas questões não estão sendo aceitas, visto que, o professor universitário não necessita apenas dos conhecimentos da sua disciplina, como também, ter habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz e satisfatório.

Diante disso, precisamos ter a consciência do papel do professor, como também sabermos que os alunos nos dias atuais são críticos no seu processo de ensino e aprendizagem, e que a cada momento estão avaliando o que é apresentado em sala de aula.

Assim, pensar sobre didática no ensino superior, é refletir sobre as práticas realizadas nos diversos espaços sociais e acadêmicos. Diante disso, o ensino superior também está tensionado pelas novas políticas de avaliação externa, as quais cobram dos docentes posturas antagônicas: de um lado produzir a qualquer custo, de outro, encontrar saídas criativas para tornar o ensino significativo, mesmo quando os currículos tornam-se pouco a pouco,

frágeis e descontextualizados.

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções.

Nesse artigo vamos refletir as possibilidades da Didática no ato de ensinar e aprender nesse mundo contemporâneo.

## **UM BREVE RELATO SOBRE A DIDÁTICA**

A Didática surgiu em 1657 e enfrenta o desafio de lidar com uma educação que se abria às massas. Essa questão foi sua tarefa inicial, ensinar tudo a todos. Muitos teóricos seguem a proposta inicial de Comenius, quer produzindo reflexões didáticas fundamentais como apresentadas por Rousseau, Herbart, Dewey, quer produzindo práticas escolares inovadoras como as propostas por Pestalozzi, Montessori, Freinet, dentre muitos.

No entanto, essas ideias e propostas estiveram sempre mais atenuantes à educação básica. A questão do ensino superior não estava posta à Didática. Nas escolas de ensino superior

de hoje estão tendo que enfrentar o mesmo problema que foi o detonador inicial da Didática e assim passamos a refletir sobre as possibilidades desse diálogo: didática e ensino superior.

A maior dificuldade que os professores enfrenta refere-se à falta de preparo dos alunos para acompanhar as aulas, pois trabalhar com alunos desmotivados, sem desejo de aprender, que não tem nenhum interesse pelo conhecimento não alcançaremos os objetivos desejados.

Diante disso, o que tem a Didática a dizer os professores que se defrontam com alunos que se negam a entrar em situação de aprendizagem?

O problema não está somente para os professores, mas também para os alunos, pois aqueles que buscam uma aprendizagem, se deparam muitas vezes com professores que não se esforçam para explicar bem a matéria, não possuem didática ou ainda não sabem se relacionar com os alunos. As dificuldades são de ambas as partes.

Mas o problema não está somente no professor e aluno, mas também nas instituições, onde muitas delas só estão preocupadas se os alunos estão satisfeitos e ainda pressiona o professor para oferecer ao aluno o que ele deseja, dessa forma fica difícil para o

professor colocar-se num processo de ensino fundamentado na prática social, conforme indica a Didática; ao aluno fica difícil interagir nessas circunstâncias. Franco (2010) afirma que só a ação docente, realizada como prática social, pode produzir saberes disciplinares, saberes referentes a conteúdos e sua abrangência social, ou mesmo saberes didáticos, referentes às diferentes formas de gestão de conteúdos, de dinâmicas da aprendizagem, de valores e projetos de ensino.

Saberes pedagógicos são fundamentais para o professor colocar-se criticamente entre essas lógicas que afrontam sua dignidade profissional. Saberes pedagógicos podem auxiliar o professor a se colocar em condição de dialogar com as circunstâncias, de compreender as contradições, de articular teoria e prática, desde que as condições objetivas de sua prática sejam razoáveis.

Não quero afirmar que os saberes pedagógicos resolvam a situação das dificuldades pedagógicas que estão rondando o ensino superior. Quero tratar tais saberes pedagógicos como facilitadores de conhecimentos sobre a condução, a criação e a transformação dessas mesmas práticas.

O que mais me chama a atenção é a presença concomitante de duas lógicas: a do professor que deseja um aluno que pergunte, que se coloque intelectualmente, que crie, que pesquise e, de outro lado, a lógica dos alunos que deseja um professor que explique, que conte, que sistematize por ele. Lógicas divergentes e que caminham em direções opostas. O saber pedagógico só pode se constituir através do próprio sujeito. No entanto, a maioria dos docentes do ensino superior não desenvolveu tais saberes.

A grande dificuldade em relação à formação de professores é que, se quisermos ter bons professores, teremos que formá-los como sujeitos capazes de produzir ações e saberes, de modo articulado a seu compromisso social e político. Não dar para formar professores como objetos dotados de habilidades e competências, instaladas de fora para dentro, sob forma de fazeres descobertos por outros, que nada significam na hora da prática.

Qual a perspectiva que a Didática pode oferecer frente a essa situação? O papel do conhecimento didático não é o de prescrever teorias que guiem o ensino dos professores. O trabalho docente é um trabalho intelectual, requer autonomia e consciência crítica para analisar o que

acontece com o ensino (dentro e fora da sala de aula) e o modo como o contexto social mais amplo se relaciona com a função social do trabalho docente, tendo como horizonte finalidades educativas pretendidas e sua concretização, pois o ensino é uma atividade teórico-prática transformadora da realidade, ou seja, o ensino é práxis. E assim reafirmamos: a práxis não muda por decreto ou por norma. Ela muda quando o sujeito percebe a necessidade de mudar e percebe também que possui condições favoráveis para tal.

Como relata Pimenta (2000), o esforço da Didática será o de dispor conhecimentos pedagógicos aos professores, não porque apresente diretrizes válidas para qualquer situação, mas porque permite realizar uma autêntica análise crítica da cultura pedagógica, o que facilita ao professor debruçar-se sobre as dificuldades concretas que encontram em seu trabalho, bem como superá-las de maneira criadora.

É nessa perspectiva, da análise, da compreensão e da transformação das práticas pedagógicas, nestas incluídas as práticas docentes, que Didática e pedagogia necessitam caminhar em mútua e contínua articulação. A sala de aula não existe isolada do contexto

educacional. É completamente irreal pensar qual a Didática sozinha possa produzir mudanças na prática docente. A Didática pode produzir teorias que dialogam com as práticas. No entanto, para a existência desse diálogo, são necessárias condições de trabalho ao docente. O professor exaurido em múltiplas tarefas, sem espaço/tempo para discutir um projeto pedagógico coletivo não conseguirá transformar as condições que oprimem o ensino.

É por esta razão que proponho um caminho articulado da Pedagogia e da Didática, na perspectiva de um projeto pedagógico coletivo que reúna ações e propostas integrando as lógicas discentes, docentes e administrativas.

Se o objeto da Didática for configurado a partir das práticas pedagógicas da docência, ela funda-se na elaboração de seu corpo de conhecimentos com a teoria pedagógica, com a Pedagogia como ciência. Assim deixaria de ser uma teoria do ensino para ser uma teoria pedagógica da docência, ou melhor, para não confundir com a Pedagogia, sou tentada a afirmar que caberia à Didática ser uma teoria da formação, substituindo então, teoria de ensino por teoria da formação. Como teoria da formação ela se alimentaria dos pressupostos da ciência pedagógica, ao

mesmo tempo em que forneceria os elementos para a contínua revisão dos fundamentos teórico-práticos da Pedagogia. Ao invés de considerá-la como teoria de ensino, proponho-a como teoria da formação.

Como teoria da formação, a Didática estará em condições de reverter seu caráter aplicacionista com o qual historicamente conviveu e de oferecer subsídios para a formação dos sujeitos implicados na tarefa de ensinar, fundando-se numa perspectiva crítico-reflexiva, que trará possibilidades de reconstruir as condições de trabalho docente.

### **DIDÁTICA: DESAFIOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM**

Por um longo período prevaleceu no âmbito do Ensino Superior que para se capacitar um bom professor neste nível, necessário seria dispor de comunicação fluente e vasto conhecimentos relacionados à disciplina que pretendesse lecionar.

A justificativa dessa afirmação fundamenta-se no fato de o corpo discente das escolas superiores ser constituído por adultos, diferentemente do corpo discente do ensino básico, constituído por crianças e adolescentes. Dessa forma esses alunos não

necessitariam do auxílio de pedagogos. Os estudantes universitários, por já possuírem uma “personalidade formada” e por saberem o que pretendem, não exigiriam de seus professores mais do que competência para transmitir os conhecimentos e para sanar suas dúvidas. Por essa razão é que até recentemente não se verificava preocupação explícita das autoridades educacionais com a preparação de professores para o Ensino Superior. A preocupação existia, mas com a preparação de pesquisadores, ficando subentendido que quanto melhor pesquisador fosse mais competente professor seria.

Atualmente, as pessoas envolvidas com as questões educacionais que aceitam uma justificativa desse tipo. O professor universitário, com o de qualquer outro nível, necessita apenas de sólidos conhecimentos na área em que pretende lecionar, mas também de habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz. Além disso, o professor universitário precisa ter uma visão de mundo, de ser humano, de ciência e de educação compatível com as características de sua função.

## **DIDÁTICA TRADICIONAL X DIDÁTICA MODERNA**

A didática se caracteriza como mediação entre as bases teóricas da educação escolar e a prática docente. Ela é o elo entre “o que fazer” e “como fazer” no processo pedagógico. Esse papel de síntese entre a teoria pedagógica e a prática educativa real assegura a interpenetração e interdependência entre fins e meios da educação escolar e, nessas condições, a didática pode construir-se em teoria do ensino.

Como arte, a didática não objetiva apenas o conhecimento pelo conhecimento, mas procura aplicar os seus próprios princípios à finalidade concreta que é a instrução educativa. Enquanto arte de ensinar, a didática é tão antiga como o próprio ensino. Contudo a preocupação científica com a constituição, organização e estruturação da didática deu-se, inicialmente no âmbito do ensino primário, estendendo-se, em seguida, para o campo do ensino médio. É somente na segunda metade do século XX, que esta preocupação atinge o ensino superior.

A problematização deste prejuízo contribui enormemente para o desenvolvimento de uma didática específica do ensino superior. Desde

então, a comunidade acadêmica vem tomando consciência de que somente domínio do conteúdo ministrado em aula, não é suficiente para ensinar. É preciso, também, no ensino superior, aprender a ensinar.

Numa perspectiva histórica e em qualquer um dos níveis de ensino, pode se falar de uma didática tradicional e uma didática moderna, com uma atenção específica para o ensino superior.

No âmbito da didática tradicional, o professor é responsável em transmitir, comunicar, orientar, mostrar. É ele quem avalia e dar a última palavra. Assume uma postura autoritária em relação a seus educandos. Essa autoridade evidencia-se também, na organização física da sala de aula. As carteiras ficam enfileiradas e a mesa do professor no centro e em alguns casos com uma elevação no piso, para assim, ele conseguir visualizar todos os alunos e impor sua disciplina e autoridade.

Dessa forma o aluno ver o professor como, detentor do conhecimento e poder, cabe a ele, somente ouvir, assimilar, repetir e algumas vezes, se for solicitado, responder a algum interrogatório. O aluno é limitado, pouco participa do seu processo de aprendizagem. Sua tarefa principal é memorizar os conteúdos.

O método de ensino acentua a transmissão de conhecimentos, ou seja, a transmissão do saber acumulado, com um aspecto repetitivo de aprendizagem. O professor era o detentor do conhecimento, e o conteúdo era transmitido aos alunos e se eles apresentassem dificuldades eram intimados a estudar mais, ou caso contrário seriam reprovados.

Na história da Didática, também ocorreram momentos em que a importância do aprender predomina sobre o ensinar. O momento inicial deste predomínio, dá-se com Rosseau, no século XVIII para em seguida, ser amplamente desenvolvido pelo movimento da Escola Nova, no século XX.

A partir desta perspectiva, o professor deixa de ser sujeito do processo de ensino-aprendizagem e passa a ser orientador das situações de ensino.

O professor, hoje, é aquele que ensina o aluno a aprender e a ensinar a outrem o que aprendeu. Elemento incentivador, orientador e controlador da aprendizagem. Porém, não se trata aqui de um ensinar passivo, mas de um ensinar ativo, no qual o aluno é sujeito da ação, e não sujeito-paciente. Em última instância, fica evidente que o

professor, agora, é o formador e, como tal, precisa ser autodidata, integrador, comunicador, questionador, criativo, colaborador, eficiente, flexível, gerador de conhecimento, difusor de informação e comprometido com as mudanças desta nova era.

No desempenho adequado do papel do professor, o que não se pode deixar de cumprir são as funções inerentes ao exercício de uma docência produtiva. O professor, agora, tem o papel de coordenar as atividades, perceber como cada aluno se desenvolve e propor situações de aprendizagens significativas. Torna-se um orientador que remove obstáculos à aprendizagem, localiza e trabalha as dificuldades do aluno, elabora aulas a partir das necessidades geradas e da interação acadêmico-professor, em sala de aula.

Cabe a ele, como mediador dos saberes, dominar a estrutura dos conteúdos, construir a sua estrutura do saber e do saber fazer, de forma organizada, clara e significativa, e ver seus alunos sob outra perspectiva, bem como o trabalho conjunto entre colegas, que favorece também a ação do outro. Além de pensar na elaboração de aulas diferentes, o professor deve contextualizá-las incluindo-as em um planejamento de curso mais dinâmico e

completo, fornecendo informação coerente e de forma clara e progressiva. Assim, a preparação do professor universitário no Brasil, é ainda bastante precária. A maioria dos professores brasileiros, que lecionam em estabelecimentos de ensino superior, não passou por qualquer processo sistemático de formação pedagógica. Porém, esse cenário vem, aos poucos, sendo mudado. Há estabelecimentos de ensino superior isolados oferecendo cada vez mais cursos de Metodologia do Ensino Superior, em nível de especialização, para que o professor seja na escola de hoje, um facilitador, está mais próximo de seus alunos e aberto ao diálogo. Ele é o organizador do espaço da sala de aula, o conhecedor dos objetivos e dos conteúdos da disciplina. É o responsável pela escolha das técnicas mais adequadas para o correto desenvolvimento dos trabalhos didáticos. É o planejador das atividades discentes em sala. É o avaliador constante de todo esse processo.

O professor, ao lançar um conhecimento novo, é aquele que, no início da aula, conversa com seus alunos, contextualiza o conteúdo a ser ensinado, dar muitos exemplos, questiona. Só então, juntamente com o aluno o elo entre o aprender e ensinar.

A partir da didática moderna, o professor é o orientador de aprendizagem, em que os alunos são sujeitos críticos e participativos do seu processo de ensino e aprendizagem. O professor coordena as atividades percebendo como cada aluno se desenvolve e propõe situações de aprendizagens significativas, deverá desafiar, estimular, ajudar os alunos na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem.

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Eles não só transbordam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas.

Na escola de hoje, o foco muda de direção e o aluno passa a ser considerado o centro do processo de ensino e aprendizagem. A aplicação da didática moderna tem possibilitado a formação de alunos que ultrapassam as barreiras da mera assimilação de conteúdo. Portanto, é importante que os professores estejam sempre se qualificando para aplicar o conteúdo de acordo com as necessidades e interesses dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considero que as práticas docentes universitárias precisam se utilizar dos fundamentos de métodos ativos, na perspectiva de uma didática crítica, mesmo sabendo que tais métodos, por exigirem a participação efetiva dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, podem criar novas contradições nas aulas, na medida em que não se deva abrir mão da qualidade do processo de ensino, que deve se pautar pelo rigor do conhecimento, pela capacidade de lidar com problemas complexos, pela capacidade de raciocinar criticamente, de argumentar frente a problemas postos, além de atitudes de autoconfiança, autodisciplina, capacidade de agir na urgência. Assim se deve fugir da prática sem a ciência, o que seria um mero empirismo, o que não é a perspectiva do ensino na universidade. Saliento também a necessidade de formar jovens capazes de pensar com autonomia e produzir ideias próprias, com rigor e criatividade.

A aula na universidade deve buscar conciliar os princípios de um ensino universitário clássico com as demandas atuais de profissionalização, garantindo a prática de autonomia intelectual, de cientificidade nos conhecimentos, de articulação e diálogo

entre as lógicas docentes e discentes.

O caminho da Didática transformando as práticas na Universidade está começando, há muitas pedras a serem contornadas e muito chão árido a ser construído. O que nós pedagogos, voltados à área da Didática não podemos deixar ocorrer a disseminação da representação de que a Didática nada tem a dizer, ao contrário, acredito e reafirmo que será a Didática o grande instrumento que poderá transformar as práticas docentes do ensino superior.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C.R.O que é Educação? São Paulo: Brasiliense, 1981.

CANDAU, Vera Maria (Org.). Rumo a uma Nova Didática. 19ª. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

CUNHA, M. I. da. O Professor Universitário na Transição de Paradigmas. Araraquara. J.M., 1998.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.31, n.3, p.483-502, 2005. Disponível em Scielo - Scientific Electronic Library On-line: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 22 mar. 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 2000.

GIL, Antonio Carlos. Metodologia do Ensino Superior. 3ª ed. São Paulo. Atlas, 1997.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-Escola à Universidade. Porto Alegre. Mediação, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LISITA, Verbena. Didática e Formação de Professores: um estudo sobre as possibilidades da reflexão crítica. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

MACHADO, Marcos. A (des)construção das práticas de ensino do bacharel docente. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos. Unisantos. Santos, 2012.

PERISSÉ, Gabriel. A arte de Ensinar. São Paulo. Francisco Luna, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo. Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura Sousa. A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo. Cortez, 2005.

SILVA, Geraldo Rodrigues da.  
Professor Universitário dos cursos de  
Administração e Ciências Contábeis:  
saberes e práticas. Dissertação  
(Mestrado em Educação). Universidade  
Católica de Santos. Unisantos. Santos.  
2012.



Esta obra está sob o direito de  
Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional.

---

## INCLUSÃO ESCOLAR EQUITATIVA: UM DIREITO DE TODOS

*Cassiane Alves Santos Bispo<sup>1</sup>*  
*Marinaldo Bispo<sup>2</sup>*

### RESUMO

Sabemos que já não é aceitável uma escola excludente como acontecia outrora, pois todos os educandos são “especiais” e que cada um trás consigo suas diferenças, medos e anseios. Á vista disto, este trabalho tem como objetivo compreender a importância da inclusão escolar como uma prática equitativa fundamental para um bom andamento da sociedade na qual vivemos. Para que se chegasse a este entendimento foram feitas leituras e pesquisas bibliográficas onde através das mesmas podemos reconhecer a necessidade de estarmos sempre buscando desenvolver na comunidade escolar como também em toda a sociedade a cultura da inclusão, pois a mesma é algo essencial que precisa ser estimulado e valorizado. Portanto, é preciso que a escola seja algo estimulante onde os educandos sintam-se seguros e acolhidos acontecendo assim à inclusão equitativa de fato já que o acesso e permanência à mesma é direito de todos.

**Palavras-chave:** Inclusão. Escolar. Equitativa.

---

<sup>1</sup> E-mail: cassianeasb39@gmail.com

<sup>2</sup> E-mail: marinaldobispo1@outlook.com

## INTRODUÇÃO

Muito se discute o reconhecimento do espaço escolar como sendo um ambiente onde encontramos diversas diferenças entre os pares que ali estão inseridos. Tendo em vista este fato todos devem ser tratados como “especiais”, entretanto vale ressaltar que cada educando/a apresentam seus limites e com isso é preciso respeitar o tempo e a forma de aprendizagem de cada um.

Contudo é preciso “um olhar especial” ao analisar os/as educandos/as que apresentam NEE (Necessidade Educacional Especial). Faz-se necessário que a educação inclusiva ocorra de fato existindo assim não só a inclusão dos/as alunos/as nas a permanência e aprendizagem. Toda via muitos/as tem conhecimentos que é preciso um trabalho em conjunto e específico com especialista e apoio adequado além da parceria família/escola para que o/a educando/a desenvolve-se respeitando o seu tempo e suas limitações.

Entretanto, precisamos reconhecer a grandiosidade, necessidade, importância e dificuldades do percurso ao longo “desde caminho”, pois além de profissionalismo é preciso empatia para que aconteça compreensão que muito mais que inclusão é preciso

equidade para que ocorra uma educação significativa e de qualidade a qual todos tem direito previsto por lei.

À vista disto, enfatizamos a importância dos recursos humanos e didáticos adequados para o auxílio dos/as docentes e discentes para assim poder desenvolver diversas de forma de atividades. Mas, é preciso enfatizar que o/a professor/a por si só não conseguiu desenvolver um trabalho inclusivo no ambiente escolar de forma efetiva, pois mais que métodos pedagógicos e avaliativos se faz necessário a intervenção da comunidade escolar como um todo, além dos profissionais necessários para amparar cada especialidade que os/as educandos/as venham apresentar.

Hoje em dia é essencial o desenvolvimento de trabalhos em equipe contanto com a contribuição de todos buscando assim valorizar as ideias e os anseios da comunidade escolar envolvendo a mesma nos projetos curriculares e nas políticas públicas de inclusão social valorizando assim a individualidade dos membros que estão inseridos.

Portanto, mediante do desenvolvimento deste trabalho objetivamos compreender a importância da inclusão escolar como uma prática

equitativa fundamental para um bom andamento da sociedade na qual vivemos. Levando em consideração a importância de reconhecer a necessidade de estarmos sempre buscando desenvolver na comunidade escolar como também em toda a sociedade a cultura da inclusão, além de afirmar a como algo essencial que precisa ser estimulado e valorizado. Para tanta justificamos nosso tema partindo do pressuposto que somos todos diferentes com nossas dificuldades e anseios mesmo que não tenhamos deficiências físicas ou mentais devemos repensar e entender o que é de fato inclusão.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento deste trabalho foram feitas pesquisas bibliográficas, sendo as mesmas indispensáveis na elaboração de pesquisas científicas como também de grande relevância para os levantamentos circunspectos do que está sendo investigado a fim de entender profundamente e assim concretizar o trabalho apropriado a finalidade a que se destina elucidando o que anteriormente permanência fora do arranjo adequado tendo a possibilidade desta forma de intervir como mediador de maneira significativa, concreta e consciente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partindo do pressuposto “Escola espaço de diversidade” é perceptível que entendamos esse ambiente como uma comunidade aonde a valorização e o respeito às diferenças apresentadas seja algo respeitado já que cabe a todos o reconhecimento da inclusão como um processo pedagógico igualitário e equitativo.

Diante disto, se faz necessário à criação do desenvolvimento de métodos que venham a incluir de fato sem distinção de suas limitações ou habilidades, pois não é mais aceitável uma escola que tenha procedimentos educacionais baseados na seleção e exclusão de seus alunos.

Atualmente já não basta assegurar o ingresso dos/as educandos/as a escola, se faz necessário que sejam criados meios que venham assegurar a continuidade dos/as mesmos/as nesse espaço democrático de aprendizagem.

Segundo MANTOAN,

Todo realinhamento do processo educacional para se compatibilizar com a inclusão gira em torno da adequação do processo escolar para que a singularidade dos alunos seja considerada em sua natureza mutante. A garantia do acesso de todos à escola comum é necessária, mas insuficiente

para que a educação inclusiva se efetive em nossas redes de ensino. [...] (MANTOAN, 2014, p.7).

Contudo, é notório que, assegurar o direito de acesso a escola independente das limitações ou habilidades que os/as alunos/as venham apresentar não é o bastante para que ocorra uma educação inclusiva significativa e de qualidade já que mais que abrir vagas para matriculas de educandos/as com necessidades especiais é indispensável conscientizar a todos sobre a suma importância da criação e disseminação em nossa sociedade da cultura do respeito às diferenças enfatizando mecanismo que amparem a contribuem para a permanência desse público em nossas escolas.

Para MANTOAN,

A escola tem poderes para diferenciar e para identificar os alunos, submentendo-os a mecanismos de inclusão e exclusão. O poder de incluir relaciona-se com o sentido que atribuímos à diferenças das pessoas. Somos seres mutantes, que se diferenciam externa e internamente (para melhor ou para pior), conforme nossas condições de vida e de relacionamento com o outro, em contextos diversos, inclusive na escola. (MANTOAN, p.8.2014.)

Toda via, a escola deve torna-se cada vez mais um ambiente acolhedor e envolvente onde as diferenças sejam respeitadas aceitando assim nossos pares com tudo que apresentam, pois sabemos que mudanças acontecem ao decorrer de nossas vidas e todos estão suscetíveis às mesmas sem aviso prévio. “O direito à diferença é determinante para que sejam cumpridas as exigências dessa educação, propiciando a participação dos alunos no processo escolar geral, conforme as capacitações de cada um”. (MANTOAN. p.9.2014.). Diante disto destacamos a evidencia que somos seres impares desta forma precisamos de atendimento individualizado.

Segundo VALDEZ,

A escola é heterogeneidade, diversidade há de ser fonte de enriquecimento e de aprendizagem mútua. A família deve ser convocada e deve conhecer os projetos de inclusão de cada escola. Uma vez rompidos os preconceitos, as famílias costumam valorizar as práticas inclusivas nas escolas. (VALDEZ. P.20.2014.).

A vista disto fica evidente que a união da família x escola é de suma importância para alcançar a educação inclusiva equitativa aonde todos tenham de fato seus direitos previstos por lei respeitados e cumpridos. Assim

podemos ver a inserção e permanência dos/as educandos/as que apresentam necessidades especiais nas escolas regulares como plausível, concreto, e alcançável porém é preciso “arregaçar as mangas” na luta contra a injustiça e a discriminação, pois ser diferente é mais que normal é essencial para um mundo melhor.

Entretanto mesmo nos dias atuais ainda há famílias que acreditem e defende “a tese” a que a educação das crianças e jovens seja dever da escola e se eximam da responsabilidade que lhes competem. Porém é preciso desenvolver um trabalho de conscientização para que aconteça a parceria família x escola para exterminar lendas e vícios deixados por costumes educacionais posteriores.

Muito se discute sobre inclusão e os desafios que a cerca porém devemos partir do ponto que, embora seja algo que tenha sido amplamente debatido os últimos anos não é algo novo, pois a homogeneidade nunca foi uma qualidade da sala de aula nem tão pouco da sociedade a qual a escola encontrasse inserida, pois mesmo se tratando de alunos/as com faixa etária equivalente sempre existem individualidades que devem ser trabalhadas e respeitadas e é nesse momento que surgiu à importância da união de todos que formam a

comunidade escolar além dos especialistas, materiais didáticos e métodos para que assim aconteça a inclusão equitativa de fato. “Sabe-se que as pessoas aprendem em ritmos e estilos diferentes. Seus potenciais e suas limitações são bastante variados. Ainda assim, as aulas não são orientadas para essa diversidade, e tal fato começa a ser desnudado”. (CARVALHO p.33.2014). Assim sendo, a escola precisa munir de todos os possíveis e prováveis meios para alcançar seus/as educandos/as de forma que os/as mesmos/as sentissem atendidos de forma a garantir não somente sua inserção mais sim o mais importante, sua inclusão e permanência de forma significativa e de qualidade.

Para CARVALHO,

Não se pode esperar, evidentemente, que o professor desenvolva estratégias únicas para cada um dos estudantes; porém não é mais aceitável pensar a sala de aula do século XX pautada por um só texto, um só exercício, uma só proposta. O professor, nessa nova perspectiva, passa a ser um “designer de currículo”, lançando mão de variados estratégias para mobilizar e desenvolver as competências de cada um dos alunos, sem, contudo, perder de vista os objetivos educacionais gerais que pautam sua ação docente”. (CARVALHO.p.33.2014).

Contudo fica claro a necessidade da utilização de diversos meios e métodos pedagógicos para que os/as alunos/as tenham sua forma e seu tempo de aprender respeitado para que assim consigam assimilar os conteúdos expostos de forma a contribuir com sua evolução intelectual e pessoal. Convém lembrar que alunos/as com necessidades especiais tem direito ao acesso a todos os conteúdos exposto na grade curricular porem cabe à escola como um todo criar e adaptar os mecanismos necessários para que esses conteúdos cheguem até eles de forma acessível. Já não é mais aceitável uma escola excludente aonde as limitações dos/as alunos/as não são respeitados/as.

Segundo CARVALHO,

As escolas precisam pensar a sala de aula como um espaço de aprendizagem pautada pela valorização da diferença, pelo conhecimento em redes, mas também devem reconhecer e informar à sociedade até que ponto elas poderão acolher e desenvolver, com responsabilidade e eficiência, crianças e jovens com necessidades especiais. Como qualquer instituição, a escola desenvolve maior ou menor expertise em determinados processos, sendo mais ou menos habilitada ao trato com determinadas síndromes,

deficiências físicas ou outras manifestações. (CARVALHO, p.32.2014).

Diante do exposto pode-se observar a grandiosidade da escola diante do processo de inclusão, toda via, vale ressaltar que a comunidade escolar em especial a família necessita está consciente da importância da mesma na vida escolar de nossas crianças e jovens fazendo com que os mesmos sintam-se acolhidos apresentem essas necessidades especiais ou não. Além disso, vale destacar que a transferência mutua de saberes entre auxilia na busca constante da ampliação dos horizontes fazendo com que as barreiras do preconceito e da discriminação muitas vezes ocasionadas pelo fato de não conhecer seja dissolvido.

Contudo, CARVALHO deixa claro que:

Muito precisa ser feito para que se conquiste a inclusão como expressão de qualidade na educação. Entender a diferença como valor é um passo a ser dado. Romper com a lógica da aula única, previsível, fechada e repetitiva é outro. Quando esses dois grandes passos tiverem sido dados, a chegada de um aluno com necessidades especiais não será mais vista como algo oneroso ou difícil, e sim como um processo natural, cujas práticas de intervenção docente, pautadas, pela

diversidade didática, já estarão incorporadas - salvo casos muito específicos - ao cotidiano da sala de aula. Os resultados serão melhores para todos: disruptivamente, os diferentes alunos e cada um dos professores terão sido mobilizados a superar a si mesmo. (CARVALHO, p.33. 2014).

Diante do exposto fica claro que a inclusão é algo que acrescenta empatia e respeito sendo que equidade é a palavra de ordem, pois inclusão sem equidade não é aceitável. Sendo assim, alunos/as que apresentam necessidades especiais assim como os ditos normais tem muito a nos ensinar já que trazem consigo toda sua história de lutas, anseios, conquistas e sonhos, assim como uma planta deve ser podados, regados, cuidados com muito zelo para assim poder colher seus frutos futuramente.

Portanto, neste trabalho concretizamos a ideia que inclusão sem equidade não é de fato efetiva, pois se torna excludente já que muito mais que inserção ao âmbito escolar se faz fundamental que aconteça a permanência dos/as educandos/as e muito mais que isso, é essencial que ocorra a aprendizagem de forma significativa e respeitosa aonde o tempo e os limites de cada aluno/a venha a ser compreendido e considerado como algo indispensável ao

crescimento intelectual, pessoal e social do/a mesmo/a.

Contudo, destacamos a evidencia que o corpo docente por si só não conseguiu desenvolver esse papel com maestria no tocante das crianças e jovens que apresentam necessidades especiais, é preciso envolvimento da família, especialista, recursos humanos e didáticos para se alcançar uma inclusão equitativa a que todos quem direito.

## CONCLUSÃO

À vista disto, é necessário o reconhecimento que a escola precisa ir ao encontro da família para juntos formarem uma parceria forte unindo a comunidade escolar de forma que todos sintam-se acolhidos e fortalecidos, pois precisamos lembrar que ao adentrar o âmbito escolar o/a aluno/a trás consigo toda sua bagagem adquiridas da vivencia social desde o seu nascimento que deve ter respeitada e valorizada

Portanto, enfatizamos a magnitude do ato de acolher o diferente encontrado no âmbito escolar sendo este um espaço de múltiplos saberes e desafios diários aonde temos aflorado a todo instantes a diversidade humana inerente de uma espécie que vive uma metamorfose constante física e intelectual, vale aqui ressaltar e enfatizar

que essa metamorfose não acontece de forma diferente quando se trata de pessoas que apresentam necessidades especiais assim sendo as mesmas precisam ser acolhidas, amadas e respeitadas tendo seus direitos preservados assim como todos os outros porem com um olhar atento no que tange a equidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Decreto no. 3.956, de 8 de outubro de 2001. **Promulga a Convenção Interamericana Para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Pessoas Portadoras de Deficiência**. Guatemala: 2001.

MANTOAN, M.T. Eglér. **Diferenciar para incluir: a educação especial na perspectiva da educação inclusiva** 22/09/2011.

[http://diversa.org.br/artigos/artigos.php?id=42&/diferenciar\\_para\\_incluir\\_a\\_educacao\\_especial\\_na\\_perspectiva\\_da\\_educacao\\_inclusiva](http://diversa.org.br/artigos/artigos.php?id=42&/diferenciar_para_incluir_a_educacao_especial_na_perspectiva_da_educacao_inclusiva) acesso em 23/07/15.

REVISTA PATIO. **Inclusão na escola das diferenças: qualidade e inclusão no ensino médio**. MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Ano VI. Setembro/novembro 2014. grupo a. n°22.p.7-9.

REVISTA PATIO. **Inclusão na escola das diferenças: É preciso desenvolver**

**culturas inclusivas**. VALDEZ, Daniel. Ano VI. setembro/novembro 2014. grupo a. n°22.p.18-21.

REVISTA PATIO. **Inclusão na escola das diferenças: uma mudança disruptiva**. CARVALHO, Monica Tim de. Ano VI. setembro/novembro 2014. Grupo a. n°22.p.30-33.



Esta obra está sob o direito de  
Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional.

---

## O ENSINO DA MATEMÁTICA E SEUS REFLEXOS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO NO COTIDIANO

*Juliana Nobre Nobrega<sup>1</sup>*

*José Fernandes dos Santos Filho<sup>2</sup>*

*Luciane Queroz Moura<sup>3</sup>*

### RESUMO

Este trabalho traz relato sobre abordagem histórica de Matemática e os baixos índices de aprendizagem em matemática em algumas escolas pesquisadas no sistema público. É preciso permanecer na busca pela qualidade do ensino e aprendizagem nas escolas, principalmente na disciplina de matemática, que está presente no cotidiano. O objetivo principal é mostrar e analisar os reflexos do processo de ensino aprendizagem da disciplina de matemática no cotidiano. Desta forma com base nessas considerações e nas pesquisas bibliográficas realizadas surgiu a necessidade de investigar a situação da matemática, como disciplina. Diante dos resultados obtidos conforme documentos pesquisados, constata-se que o ensino e aprendizagem de matemática no ensino fundamental e médio apresentam um rendimento baixo, acarretando um menor rendimento nos anos (séries) posteriores, portanto, esses resultados direcionam argumentos para a situação do ensino e aprendizagem de matemática, bem como sugestões para diminuir as divergências entre a importância e o conhecimento da matemática no cotidiano. Como disciplina, nas escolas pesquisadas que serviu de ponto de partida para a análise de problemas relacionadas a aprendizagem de matemática. Diante do apresentado constatou-se que a matemática estudada é descontextualizada da realidade do aluno, comprometendo assim, a realização de um processo de ensino e aprendizagem com qualidade.

**Palavras – Chave:** Aprendizagem; Reprovação; Rendimento escolar

---

<sup>1</sup> E-mail: juliananobre.bsa@gmail.com

<sup>2</sup> E-mail: fernandesjsf@gmail.com

<sup>3</sup> E-mail: luciane\_qmoura@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

A matemática é um componente essencial para o desenvolvimento tecnológico, sobretudo no intelectual do ser humano.

Diante dessas considerações e de pesquisas que apresentam o papel da matemática no cenário nacional sugere a preocupação em investigar de fato a situação dessa disciplina nos que foram feitas as pesquisas bibliográficas.

Portanto, nesta perspectiva faz presente um estudo sobre a situação do ensino da matemática no Brasil no mundo das relações sociais e registro de conflitos existentes com relação ao processo ensino e aprendizagem. Essa explanação realizada através de pesquisas bibliográficas e os PCN's.

Com base nos pressuposto teóricos e os PCN's, a pesquisa faz uma abordagem histórica da matemática no Brasil e movimento de reorganização curricular conhecido como Matemática Moderna. Essa pesquisa está fundamentada em D'Ambrosio , Gomes , Ambrosio , Hoffmann Velho e Machado de Lara , Bessa e Vitti .

Sabe-se que a formação básica da matemática é considerada fundamental para conjuntura atual, pois o seu papel tem grande importância no mundo das relações sociais

Segundo PCN's a matemática, é componente importante na construção da cidadania, na medida em que a sociedade se utiliza, cada vez mais, de conhecimentos científicos e recursos tecnológicos, dos quais os cidadãos devem se apropriar

Conforme PCN's, diz que a matemática desenvolve-se mediante um processo conflitivo, entre vários elementos contrastantes: «O concreto e abstrato, o particular e o geral, o formal e o informal, o finito e o infinito, o discreto e o contínuo: Estes conflitos estão presentes no ensino da disciplina, havendo divergências ligada ao conhecimento matemático e a maneira no qual ele é apresentado».

Para explicitar de forma mais clara esses conflitos presentes no ensino da matemática é possível notar através de pesquisa, como esse procedimento constata-se que o aproveitamento dos alunos nessa disciplina não apresenta avanço favorável proporcional a sua importância, portanto, esses entraves estão sempre em discussão entre os educadores, de uma forma geral.

Conforme dados do SAEB , o Brasil é dos países que tem o índice de aprendizagem menor, e aparece em 79, no ranking nacional entre 189 países.

O Objetivo principal é mostrar e analisar os reflexos do processo de ensino aprendizagem da disciplina de matemática no cotidiano.

Como objetivos específicos temos o registro que o ensino da matemática está sendo desenvolvido a passos lentos e poderia apresentar resultados satisfatórios, devido a tecnologia presente nas escolas pesquisadas.

## **METODOLOGIA**

O trabalho foi realizado em duas etapas, ou seja, através de pesquisa bibliográfica afim de construir uma fundamentação teórica que direcionam para referencial objetivado e pesquisa de campo de um modo geral e direcionado especialmente para matemática, que se fez necessário um embasamento teórico. Para alcançar o resultado esperado, foram usados diversos procedimentos, como: leituras de livros, artigos e pesquisa.

Esses procedimentos iniciaram com uma pesquisa bibliográfica afim de construir uma fundamentação teórica que direcionou para o referencial objetivado.

Por outro lado, a pesquisa aponta a matemática com alguns aspectos que

diferenciam de outras áreas do conhecimento.

Conforme a análise desses documentos, é possível observar que na maioria das escolas pesquisadas apresentam um média insatisfatório nessa disciplina.

Percebe-se que o desempenho continua insatisfatório na disciplina de matemática e na média conforme o Ideb, não alcançaram a média nacional.

Após pesquisa bibliográfica, tornou-se, necessária a investigação de alguns dados, apoiada uma metodologia adequada ao desenvolvimento do trabalho. Com a definição da problemática iniciou-se a pesquisa em algumas escolas que ministravam os dois segmentos de ensino, ou seja, ensino fundamental e médio.

Para compreender as deficiências existentes na relação ensino e aprendizagem bem como suas consequências em estudos posteriores, é necessário observar uma visão mas ampla em relação a questão ensino e aprendizagem.

A análise dos dados ocorreu conforme o levantamento coletados, para o entendimento de que a matemática é uma matéria escolar e parte importante de suas vidas cotidianas de acordo (Nunes e Bryant 1997).

Durante o levantamento de dados, algumas questões foram necessárias serem analisadas com relação disciplina de matemática, e atribuem essas dificuldades existentes no processo de ensino e aprendizagem, como sendo a principal, a falta de interesse na disciplina e super lotação na sala de aula. Outros dados direcionam que o fracasso no ensino médio é gerado pelo ensino fundamental. Principalmente por haver uma dependência intrínseca entre os conteúdos matemáticos e em menor escala, atribuem aos fatores sociais que influenciam na educação como um todo.

Finalmente, após o levantamento desses dados referente ao ano 2019 realizou-se uma dissertação. Portanto, diante do resultado ainda constata-se baixo rendimento da disciplina de matemática no ensino fundamental e médio. Se faz necessário registrar que percebe-se o ensino da matemática está sendo desenvolvido com mais eficácia, devido a tecnologia no cotidiano escolar.

## **REFERENCIAL TEORICO**

### **ABORDAGEM HISTÓRICA DA MATEMÁTICA**

A matemática teve sua origem na necessidade de sobrevivência do ser

humana, que por milênios trocou sua história como ferramenta para essa sobrevivência. No princípio dessa história, essa ferramenta começou com a tarefa de verificar uma determinada quantidade de ovelhas equiparando-as a pedras, para aprimorar utilizou pedaços de ossos e de árvores e para verificar a escavação de um negócio. Desde o tempo das cavernas, ou seja, do Período Paleolítico e conforme os autores Oliveira, Alves e Neves (2008). Por este motivo, a matemática é visto como principal responsável pela contribuição que a matemática teve no ensinamento dos conceitos atuais. Sabe-se que nas décadas de 60 e 70, o ensino de matemática buscava a melhoria na qualidade de ensino de matemática.

O ensino de matemática foi influenciado por um movimento de reorganização curricular, aqui no Brasil, de movimento de Matemática Moderna. No Brasil a matemática moderna substitui a velha matemática. Os constantes fracassos dos alunos, observados na Matemática de sala de aula, provocaram mudanças no ensino dessa disciplina, hoje chamada de Matemática Moderna (PCNs, 1996). Atualmente, o ensino da matemática, há maioria das resoluções de problema apresentados nas aulas de matemática

estão ligadas à realidade dos alunos. Muitas destes são compreendem e enfrentam dificuldades em resolvê-los, apresentando resultado com baixo desempenho na Disciplina de Matemática.

Diante desse fato a matemática é considerado a vilã entre as disciplinas curriculares. Para Gomes (2012) o Brasil apresenta considerável avanço em suas dimensões políticas, sociais e econômicas e a educação está inserida nesse processo, e o ensino da matemática é parte integrante dessa educação. De acordo com Ambrosio (1989) as escolas na maioria a preocupação com quantidade e esquece a qualidade dos conteúdos a serem desenvolvidos, o que acaba influenciando no aprendizagem do aluno, E para mudar essa realidade, é necessário maior empenho desses profissionais na busca de mudança de metodologia para facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos, e ao mesmo tempo a importância da matemática no seu cotidiano. Sabe-se que a matemática está inserida no cotidiano das pessoas, fazendo parte desde o ato de comprar e venda. Para Hoffmann Velho e Machado de Lara (2011) afirma que a Matemática Informal se ramifica na diversidade cultural.

De acordo Bessa (2007) as dificuldades de aprendizagem em matemática, podem acontecer por vários fatores, um deles seria o desinteresse nessa disciplina, por escola não trabalhar projetos que estimulem o seu aprendizado. Constatase que muitos professores ficam divididos entre cumprir os conteúdos programado e excluir alguns assuntos, para obter um resultado com maior qualidade. Se faz necessário lembrar que o “cotidiano” apresenta o uso da matemática fundamental, devido o avanço da tecnologia, da influência dos meios de comunicação e do crescente conhecimento científico.

Portanto, cabe ao professor de Matemática ter o compromisso perante a sociedade de preparar as novas gerações para o mundo em que terão que viver. Isto é, proporcionar a aprendizagem para que os alunos adquiram as habilidades que serão indispensáveis para um bom desempenho de acordo com o avanço da tecnologia. VITTI (1999, p. 32/33): diz que é muito comum observarmos nos estudantes o desinteresse pela matemática, o medo da avaliação, pode ser contribuído, em alguns casos, por professores e pais para que esse preconceito se acentue. Os professores na maioria dos casos se preocupam

muito mais em cumprir um determinado programa de ensino do que em levantar as ideias prévias dos alunos sobre um determinado assunto.

### **ABORDAGEM HISTÓRICA DA MATEMÁTICA NO BRASIL**

O ensino da matemática, teve seu início com os jesuítas, foram considerados fundadores das primeiras escolas brasileiras. Os estudos da matemática nos colégios, tinham nível mais elevados, pois a matemática era ligado a lógica, física, metafísica. Estes colégios utilizavam os livros de geométricos de Euclides e Arquimedes e trigonometria plana e trigonometria esférica. “Os elementos de geometria plana e sólida, publicadas em 1735 são a primeira tradução portuguesa dos Elementos de Euclides” (Castro, 1989).

Os estudos no Brasil, era muito difícil perder o reconhecimento dos cursos, não eram atendidos pelo governo português. Portanto, para avançar os estudos, apenas alguns fazê-lo, devido as condições financeiras. Esse estudos eram feitos na Universidade de Coimbra até 1772. “Só havia uma cadeira de matemática e está enquadrada na Faculdade de Medicina. (Castro, 1999. p. 16). Em 1773, o curso de matemática passou a ter um programa de disciplinas menos distanciadas dos progressos

realizados pela matemática até meados do século XVIII. A partir de 1808, estabeleceu um ambiente mais favorável aos estudos de matemática no Brasil, com a criação da academia Real Militar, essa foi a primeira instituição destinada ao curso completo de Ciências Matemáticas.

### **Matemática Moderna**

Sabe-se, nos anos 60/70, o ensino da matemática foi influenciado por um movimento de reorganização curricular que ficou conhecido como matemática moderna. “A Matemática Moderna nasceu como um movimento educacional inscrito numa política de modernização econômica e foi posta na linha de frente por se considerar que, juntamente com área de Ciências Naturais, ela se constituía via de acesso privilegiada para o pensamento científico e tecnológico. Desdte modo, a matemática a ser ensinada era aquela concebido como lógica, compreendida a partir das estruturas, um papel fundamental a linguagem matemática”(PCN, 1997).

No Brasil a matemática moderna substituiu a velha matemática, fomentando e tando discussões acerca de reformas curriculares (PCNs, 1997). No entanto, essas reformas propunham

mudanças distantes da realidade dos alunos, afastando o ensino da matemática das questões práticas.

### **O Ensino Fundamental**

Constata-se que em todos os níveis educacionais o ensino fundamental tornar-se importante para o desenvolvimento dos anos posteriores, devido linearidade dos conteúdos, principalmente da matemática. De acordo com os PCN's (2009), a matemática estimula o espírito de investigação e desenvolvimento da capacidade de resolver problemas. Portanto seu papel no ensino fundamental é mostrar ao aluno a importância para compreender o mundo ao seu redor. Contudo, percebe-se através de pesquisas, que nos últimos anos o alunado na disciplina de matemática não tem apresentado um rendimento satisfatório.

### **A Educação Básica: Reflexos do Ensino Fundamental nas relações Sociais**

Não priorizar um sobre outro, mas trata-los como dois aspectos do comportamento humano, não excludentes, mas mutuamente essenciais. Talvez esse seja um dos temas mais fascinantes no estudo da condição

humana, isto é, conciliar o individual e o social. Constata-se, apesar das pesquisas apresentam um aumento anual de alunos matriculados nas escolas observa-se que o nível de aprendizagem dos mesmos estão cada vez mais preocupantes, divergindo dos objetivos propostos para a educação básica. (LDBN° 9394/96). O trabalho coletivo e autonomia advinda da confiança na própria capacidade para enfrentar desafios.

### **O Ensino Médio**

Constata-se ainda que boa parte só agregam os conhecimentos referentes ao ensino fundamental no final do ensino médio. Conforme avaliação feita pelo SAEB (2010), que a maioria dos alunos não apresentam competências para os anos (séries) concluídos.

Objetivos gerais da matemática para o Ensino Fundamental e Médio: Se faz necessário iniciar com a seguinte pergunta: Por que ensinar matemática? E para auxiliar na resposta, Carvalho (1994, p.20), menciona que “se consideramos que o conhecimento deve ser construído, que a linguagem matemática deve ser adquirida pelo aluno, levando-o a incorporar os significados que as atividades de manipulação de material didático ou de vivência diária assumem, então, quanto

antes iniciarmos essa construção, mais tempo teremos para enriquecer os temas abordados, tornando-os mais abrangentes e complexos, possibilitando, talvez, que o processo de aquisição do conhecimento matemático não se interrompa tão prematuramente como em geral acontece”. Diante dessa constatação, percebe-se de maneira clara que matemática é considerada um conhecimento em constante construção e um processo vivo de integração com o mundo social.

## CONCLUSÃO

O objetivo central que conduz as reflexões expostas no trabalho, foi compreender que o baixo rendimento na disciplina matemática está ligada há várias razões de acordo com as pesquisas e escritores inseridos no trabalho. Tal afirmação, é alicerçada com base nos resultados das pesquisas, que envolve os problemas educacionais e fatores sociais que na maioria das vezes tem sido motivo de discussão entre aqueles que fazem parte da educação e escritores em todo território nacional.

A análise dos dados ocorreu conforme o levantamento coletado, para o desenvolvimento de que a matemática é uma matéria escolar e parte importante de suas vidas, de acordo Nunes e Bryant

(1997).

No decorrer deste trabalho, constata-se abordagem da história da matemática e prováveis baixos rendimentos de aprendizagem nas escolas públicas.

Portanto, é preciso permanecer na busca pela qualidade do ensino e aprendizagem nas escolas, tendo a priori na disciplina de matemática do qual, tem sido motivo de discussão entre aqueles que fazem parte da educação e escritores em todo cenário nacional. Portanto, é preciso permanecer na busca pela qualidade do ensino e aprendizagem nas escolas, principalmente da disciplina de matemática, que está presente no cotidiano.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Lei de diretrizes e bases de educação nacional. 9394/96.** Brasília: MEC, 1996.

BESSA, K. P. **Dificuldades de Aprendizagem em Matemática na Percepção de Professores e Alunos do Ensino Fundamental.** 2007. 14 f. Trabalho de Conclusão de Curso. – Graduação em Licenciatura em Matemática da Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

CASTRO; 1999. P. 16 – [www.tdx.cat / bitstream / handle / 10803 / 1946 / 9](http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/1946/9).

CARVALHO, Dione Lucchesi de. **Metodologia do ensino da Matemática**. 2ed., São Paulo: Cortez, 1994.

D'AMBROSIO, U. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática**.

GOMES, M. L. M. **História do Ensino da Matemática**: uma introdução. Belo Horizonte: CAED-UFMG, 2012.

HOFFMANN VELHO, E. M.; MACHADO de LARA, I. C. **O Saber Matemático na Vida Cotidiana**: um enfoque etnomatemático. Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.4, n.2, p. 3-30, nov. 2011.

Nunes, T.; BRYANT, P. **Crianças fazendo matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p.17.

OLIVEIRA, J. S. B.; ALVES, A. X.; NEVES, S. S. M. **História da Matemática**: contribuições e descobertas para o ensino-aprendizagem de matemática. Belém: SBEM, 2008.

**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – MATEMÁTICA – PCN'S – 1996 / PCN's – 2º ED.2001.**

**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – MATEMÁTICA – PCN'S – 1997 / PCN's – 3º ED.2001.**

**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: MATEMÁTICA. PCN'S - 2007.**

SAEB / IDEB – ANO 2019 – [ideb.inep.gov.br](http://ideb.inep.gov.br).

**de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

VITTI, C. M. **Matemática com prazer, a partir da história e da geometria**. 2ª Ed. Piracicaba – São Paulo. Editora UNIMEP. 1999.

